

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS BAURU

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

COMPREENDENDO O GOLEIRO NA INICIAÇÃO ESPORTIVA EM HANDEBOL

LUCAS NASSUATO

BAURU

2017

LUCAS NASSUATO

COMPREENDENDO O GOLEIRO NA INICIAÇÃO ESPORTIVA EM HANDEBOL

Orientadora: Prof.^a Dr.^a LILIAN APARECIDA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física

BAURU

2017

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, gostaria de agradecer a Deus por todas as oportunidades e por todas as pessoas que permaneceram ao meu lado ou mesmo aquelas que apenas estiveram de passagem durante uma das fases mais importantes da minha vida.

Agradecer a dona Maria Elisa, que além de ser minha mãe é também o meu pai. As minhas irmãs Erika e Amanda, ao meu padrasto Jandir, a minha tia Silvana e a senhorinha de cabelos brancos, minha avó Tereza. Que são os verdadeiros motivos de eu nunca ter desistido.

Agradecer a todos os meus amigos que sempre estiveram presentes e que nunca desistiram de mim. E também agradecer pelas amizades que foram construídas ao longo desses cinco anos de faculdade. Vocês têm o dom de transformar os dias mais comuns em momentos e lembranças inesquecíveis.

Agradecer aos professores que tiveram as melhores intenções e que muito contribuíram para nossa formação profissional e também pessoal. E principalmente agradecer a professora Lílian, que sempre me incentivou e conseguiu reforçar ainda mais minha paixão pelo handebol.

Agradecer pela oportunidade de vivenciar o papel de aluno e também de professor no projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol”, no qual pude constatar a importância e os benefícios que a prática do esporte pode trazer na vida das pessoas.

Enfim, agradeço de coração a todas as pessoas que tive o prazer e a sorte de conhecer durante esse percurso. Afinal, cinco anos não são cinco dias.

“Você tem que se perder antes de se encontrar”

(Cidades de Papel)

RESUMO

A iniciação esportiva é a fase do primeiro contato da criança, adolescente, adulto ou idoso com a prática esportiva, que pode acontecer em diferentes contextos (escolas, clubes, iniciativas sociais das prefeituras dentre outros). Neste sentido, os professores e treinadores necessitam compreender a complexidade do processo de ensino e de aprendizagem através do esporte e oferecer incentivos que permitam aos alunos vivenciarem as inúmeras possibilidades dentro de uma modalidade esportiva. Em alguns jogos esportivos coletivos (JEC), como o handebol, é possível proporcionar a vivência do papel de goleiro, uma das posições que muitas vezes acaba sendo esquecida durante a fase da iniciação, comprometendo uma importante particularidade deste momento da iniciação esportiva. Sob este ponto de vista, compreender os alunos quando experimentam o papel de goleiro é o primeiro passo para identificar os elementos necessários para o planejamento das aulas, sendo assim o objetivo do estudo foi investigar o comportamento dos alunos quando assumem o papel de goleiro de handebol. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva-interpretativa, as técnicas de coletas utilizadas foram: entrevista com os alunos e observações por meio de filmagens de jogos reduzidos de handebol com 15 crianças e adolescentes que participavam do projeto “Ensinando e Aprendendo Handebol” oferecido pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) câmpus de Bauru/São Paulo. Os resultados indicaram: o medo da bola, o medo de errar e a preferência em jogar no ataque como elementos responsáveis por desmotivar os alunos iniciantes a jogarem no gol. Identificamos também a necessidade de intervenções pedagógicas voltadas para o desenvolvimento da capacidade tática do aprendiz desta posição específica. Sinalizamos que o “porque fazer” deve ser sempre mais valorizado do que o “saber fazer” durante a fase da iniciação esportiva.

Palavras-chave: Iniciação Esportiva, Goleiro de Handebol, Pedagogia do Esporte.

ABSTRACT

Sports initiation is the phase of the first contact of the child, adolescent, adult or elderly with sports, which can happen in different contexts (schools, clubs, social initiatives by the prefectures, among others). In this sense, teachers and coaches need to understand the complexity of the teaching and learning process through sport and offer incentives that allow students to experience the innumerable possibilities within a sporting modality. In some collective sports games (JEC), such as handball, it is possible to provide the experience of the role of goalkeeper, one of the positions that often ends up being forgotten during the initiation phase, compromising an important particularity of this moment of sports initiation. From this point of view, understanding the students when they try to play the role of goalkeeper is the first step in identifying the elements necessary for the planning of the classes, so the objective of the study was to investigate the behavior of the students when they assume the role of handball goalkeeper. It is a qualitative research with a descriptive-interpretative approach and the collection techniques used were: interviews with the students and observations through the filming of reduced handball games with 15 children and adolescents who participated in the project "Teaching and Learning Handball" offered by the Department of Physical Education of the Paulista State University "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) Campus of Bauru/São Paulo. The results show: fear of the ball, fear of making mistakes and preference to play in the attack as elements responsible for discouraging beginner students to play in the goal. We also identified the need for pedagogical interventions aimed at developing the tactical capacity of the apprentice of this specific position. We note that the "why to do" should always be more valued than the "know-how" during the sports initiation phase.

Keywords: Sports Initiation, Handball Goalkeeper, Sports Pedagogy.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Roteiro de Entrevista	33
Quadro 2 - Roteiro de Observação dos Jogos Reduzidos	35
Quadro 3 - Pergunta: Você já jogou como goleiro em outra modalidade esportiva? Qual?	37
Quadro 4 - Pergunta: Você gosta de jogar como goleiro de handebol? Por quê?.....	39
Quadro 5 - Pergunta: Na sua opinião o que o goleiro de handebol precisa saber ou fazer para jogar bem?	43
Quadro 6 - Observações dos Jogos Reduzidos.....	48
Figura 1 - Filmagem do goleiro / Equipe na defesa.....	34
Figura 2 - Filmagem do goleiro / Equipe no ataque	34
Figura 3 - Saberes do goleiro de handebol com base do olhar de iniciantes.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - PEDAGOGIA DO ESPORTE NA INICIAÇÃO ESPORTIVA	11
CAPÍTULO 2 - INICIANDO A APRENDIZAGEM NO HANDEBOL	22
2.1 - Compreendendo o goleiro de handebol	25
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	31
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
ANEXO A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	59
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	60
APÊNDICE A - SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O GOLEIRO DE HANDEBOL NA INICIAÇÃO ESPORTIVA.....	61

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da iniciação esportiva do goleiro de handebol surgiu devido a minha história como atleta na modalidade de handebol, na qual pude vivenciar o esporte em caráter amador desde à iniciação até a fase adulta, participando de vários campeonatos regionais, estaduais e escolares. Outro fator que me influenciou para esta escolha, foi minha trajetória no curso de educação física, principalmente pela experiência adquirida como estagiário no projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol”. Em tal projeto acabei identificando que a posição de goleiro muitas vezes acabava sendo negligenciada, necessitando, portanto, ainda que estivéssemos trabalhando na iniciação esportiva, de algumas orientações para que todos os alunos pudessem vivenciá-la com informações básicas.

Como apresentado por Leonardo (2007), que teve a vivência como treinador de duas goleiras de handebol com pouca experiência, mesmo realizando um bom planejamento de atividades que atendiam aos objetivos do treinamento, as goleiras não compreendiam os reais motivos das atividades. Sendo assim, o treinador passou a promover estímulos que possibilitassem maiores reflexões sobre as ações realizadas, pois ele defende que a compreensão do “porque fazer” facilita na compreensão do “como fazer”.

Segundo Balbino *et al.* (2013), a iniciação esportiva é a fase do primeiro contato sistematizado da criança com uma modalidade esportiva, seus fundamentos técnicos e táticos precisam ser apresentados de forma simples e adequada, aumentando a complexidade de maneira gradual e sempre respeitando as individualidades dos iniciantes. No entanto, é necessário contrapor o fato de determinar a iniciação esportiva como uma fase exclusiva da criança, pois o adolescente, o adulto ou até mesmo o idoso podem dar início a novas aprendizagens em diferentes momentos da vida. Neste sentido, a pedagogia do esporte surge com o objetivo de investigar e intervir no processo de ensino do esporte, considerando suas diversas práticas corporais e seus praticantes (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013). Portanto, os profissionais envolvidos na pedagogia do esporte necessitam reconhecer sua complexidade e utilizar ações pedagógicas que sejam apropriados para cada contexto.

De acordo com Benda, Xavier e Martini (2002), o handebol é uma modalidade esportiva que está em desenvolvimento no Brasil, sendo muito difundido nas escolas e com um grande número de praticantes, por esse motivo existe um conhecimento básico em relação ao esporte.

O goleiro se evidencia como de grande relevância dentro de uma equipe de handebol, entretanto, é oferecida pouca atenção por parte dos professores ou treinadores a essa posição (GRECO, 2002) e, muitas vezes, os iniciantes acabam sendo deixados de lado quando estão jogando no gol. O papel do goleiro de handebol é muito mais do que impedir a realização do gol adversário, tendo como objetivos também: corrigir os erros dos seus companheiros de equipe, a partir do momento que recupera a posse de bola ele atua como o primeiro atacante no qual organiza e facilita a oportunidade de um contra-ataque eficiente (LOFFREDO; GRECO, 2002).

Compreender os alunos quando vivenciam o papel de goleiro durante a fase de iniciação esportiva é o primeiro passo para identificar os elementos necessários para o processo de ensino e de aprendizagem. Sendo assim, o objetivo da pesquisa é investigar o comportamento de alunos iniciantes quando desenvolvem o papel de goleiro de handebol.

Apesar da popularidade da prática do handebol nas escolas do Brasil (GONZÁLES; BORGES; IMPOLCETTO, 2014) e do aumento das publicações relacionadas a essa modalidade, são poucos os temas voltados para a iniciação do handebol e principalmente em relação à iniciação na posição como goleiro de handebol. Nos diversos textos sobre handebol, os capítulos relacionados aos goleiros são reduzidos quando comparados com outras posições dos jogadores (GRECO, 2002).

Nossa expectativa com este estudo é contribuir com a literatura da pedagogia esportiva, considerando o processo de ensino e de aprendizagem do goleiro de handebol na iniciação esportiva, um elemento essencial para a vivência das pessoas que estão tendo o primeiro contato com a modalidade.

Devido à carência de literatura referente ao goleiro de handebol na iniciação esportiva, o presente estudo teve como sustentação as obras “Caderno do Goleiro de Handebol” de Greco e colaboradores (2002), “Treinamento de base para crianças e adolescentes” de Ehret e colaboradores (2002) e “Handebol: Do Aprendizado ao Jogo Disputado” de Kasler (1978), obras que trazem as principais referências para as análises dos resultados sobre o goleiro de handebol.

O estudo foi organizado em quatro capítulos, no primeiro capítulo exploramos os conceitos da pedagogia do esporte e sua relação com a iniciação esportiva, assim como as metodologias de ensino dos jogos esportivos coletivos (JEC). No segundo capítulo abordamos sobre a iniciação esportiva no handebol e evidenciamos o papel do goleiro de handebol e sua atuação. No terceiro capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos do estudo e as definições das técnicas utilizadas para as coletas. E no quarto capítulo evidenciamos os

resultados do estudo articulados com as análises pautadas no referencial teórico e para finalizar são apresentadas as considerações finais pertinentes ao estudo.

CAPÍTULO 1

PEDAGOGIA DO ESPORTE NA INICIAÇÃO ESPORTIVA

O esporte na atualidade é um dos mais importantes fenômenos socioculturais com uma pluralidade de significados, finalidades e manifestações que podem atingir diferentes pessoas e variados grupos sociais (REVERDITO; SCAGLIA, 2009; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013). Para Barbanti (2006), através da compreensão das definições do esporte é possível estabelecer uma relação com a vida social da população, pois o esporte influencia e também sofre influência da sociedade e ainda “[...] se relaciona com a vida familiar, com a educação, política, economia, artes e religião” (p.58). O número de pessoas envolvidas nesse fenômeno vem aumentando cada vez mais, seja como praticantes, admiradores, profissionais ou estudiosos, fazendo com que o esporte seja manifestado de diversas maneiras (GALATTI,2006). Para Reverdito e Scaglia (2009) a própria sociedade é responsável por transformar e dar significado ao esporte. Gonzáles e Bracht (2012) acrescentam que o esporte está presente na construção da identidade de muitas pessoas.

Devido a essa pluralidade de significados, finalidades, cenários e personagens que estão envolvidos nas práticas esportivas, a pedagogia do esporte surge com a preocupação e a responsabilidade de interferir no processo de ensino do esporte. E tem como campo de investigação as práticas esportivo-corporais, bem como, seus praticantes (REVERDITO; SCAGLIA, 2009; REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013).

A Pedagogia do Esporte busca investigar e intervir na prática esportiva, de modo a garantir que o sujeito possa apropriar-se do fenômeno esportivo, tão logo, implicando na responsabilidade da educabilidade do sujeito (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2013, p. 31).

A pedagogia do esporte tem como objetivo intervir na prática esportiva e desenvolver as perspectivas pedagógicas, orientando o sentido do esporte na formação e educação dos sujeitos. Barroso, Darido e Bento (2009, p. 281) afirmam que “[...] a área de conhecimento da pedagogia do esporte vem apresentando significativas contribuições na estruturação de propostas relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem de modalidades esportivas”. Reverdito, Scaglia e Paes (2013, p. 33) declaram que “[...] não podemos estar entregues a profissionais com conhecimentos pedagógicos considerados insuficientes para a prática pedagógica”, Reverdito e Scaglia (2009, p. 16) acrescentam que “[...] considerando a

dimensão de fenômeno sociocultural que o esporte alcançou, não podemos simplesmente entregar seu processo de ensino-aprendizagem à intuição, ao acaso (...)”, ressaltando a importância sobre o conhecimento dos professores e treinadores envolvidos com o ensino do esporte e suas ações pedagógicas nesse processo.

Paes e Balbino (2009) abordam sobre a necessidade de uma pedagogia que seja capaz de lidar com o esporte em seus diferentes significados, os autores identificam o ensino do esporte como um processo de ensino-vivência-aprendizagem socioesportiva, no qual é necessário enxergar o esporte como uma possibilidade para todos os cidadãos e não apenas como uma prática exclusiva para atletas e pessoas talentosas.

Daólio e Velozo (2008) afirmam que o processo de ensino do esporte precisa atingir todos e quaisquer alunos com interesses variados, de todas as idades e condições físicas. Sob este ponto de vista, a pedagogia do esporte se fundamenta em todas as fases da vida e para as diversas práticas corporais relacionadas ao esporte, no qual são muitos os contextos que podemos identificar as diferentes manifestações esportivas, desde o esporte profissional, o esporte escolar, o esporte de participação (atribuído ao esporte praticado no tempo livre), o esporte infantil, o esporte adaptado, o esporte para terceira idade e entre outros (GALATTI, 2006; GONZÁLEZ; BRACHT, 2012).

Independente do contexto é importante reconhecer o esporte como educação, pois o esporte, sendo um fenômeno social e cultural, torna-se uma ferramenta importante no processo educacional, o que sinaliza que não pode limitar-se apenas ao desenvolvimento das capacidades físicas, técnicas e táticas (REVERDITO; SCAGLIA, 2009). Para Paes e Balbino (2009, p. 75) “[...] o profissional não deverá limitar a prática do esporte somente as questões da metodologia; é preciso considerar a possibilidade educacional do esporte” e procurar um equilíbrio e harmonia entre o ensino dos aspectos técnicos e a intervenção com relação aos valores e princípios.

Darido e Galvão (2006) reforçam que o ensino do esporte não deve estar relacionado apenas com os aspectos técnicos e táticos das modalidades esportivas, mas também com a formação ampla dos alunos e que isso não acontece somente nas escolas (fórmula), mas também em programas esportivos voltados a iniciação esportiva (não fórmula). Corroborando com os autores, Paes e Balbino (2015) sustentam que independente do contexto o esporte é educacional, ou seja, não é apenas o esporte desenvolvido nas escolas entre crianças e adolescentes que permite educar, mas também o esporte de participação ou até mesmo o esporte de alto rendimento. Os mesmos autores declaram que o esporte e a educação estão profundamente associados e apresentam alguns dos seus princípios interligados:

1. Tratar pedagogicamente a competição, de modo que ela apoie o desenvolvimento infantil;
2. Buscar o equilíbrio entre o racional e sensível;
3. Dialogar e negociar saberes com o sistema humano que orienta a iniciação esportiva;
4. Investir em aulas que reconheçam as diferenças entre os iguais;
5. Investir em métodos de ensino comprometidos com a participação e a construção da autonomia;
6. Investir numa pedagogia sedutora (lúdica);
7. Capacitar (educação de habilidades e desenvolvimento de capacidades) e formar (educação da atitude) (PAES; BALBINO, 2015, p. 10).

Paes e Balbino (2015) declaram sobre a necessidade de utilizar a competição de uma maneira pedagógica, pois de acordo com Korsakas (2009), quando o esporte é orientado num ambiente excessivamente competitivo ele remete a uma visão da elevação do *status* social dos vitoriosos e a busca pelas recompensas extrínsecas, ao contrário da proposta da orientação do esporte para a aprendizagem que, segundo Reverdito, Scaglia Paes (2013), é necessária para promover o sujeito em sua infinita potencialidade. Para Rose Júnior (2009, p.113) “[...] praticar esporte e competir como consequência dessa prática é direito de todos, o que deve ser incentivado, mas levando-se em consideração que chegar ao alto rendimento é prerrogativa de poucos”. Portanto, o uso de competições deve ser incentivado desde que colabore com o desenvolvimento do praticante. E ainda:

[...] Cuidar do futuro talento é muito importante, mas cuidar da grande maioria, que não atingirá esse status, é obrigação. Como consequência, as crianças e os jovens serão cidadãos ativos, saudáveis e felizes. E, quem sabe, até grandes atletas (ROSE JR, 2009, p.113).

Santos (2003) apresenta uma reflexão sobre essa dualidade entre competição e cooperação. Para o autor, a ausência total da competição pode gerar a desmotivação do aluno na prática esportiva devido à falta de estímulo. Mas por outro lado, uma prática estritamente competitiva pode acabar excluindo o aluno que não consegue realizar as ações esportivas e ocasionar problemas sérios relacionados à insegurança e à baixa auto-estima.

Através do ensino do esporte é possível levantar questões sociais quanto ao respeito ao próximo e o reconhecimento das suas diferenças. Para Barroso, Darido e Bento (2009, p. 288) é possível estabelecer uma abordagem ao respeito sobre as diferenças de habilidades, étnicas e de gênero, assim como promover a discussão de um ensino com qualidade para todos e a promoção de um convívio harmonioso entre os colegas.

É fundamental a utilização de métodos que promovam a participação e a construção da autonomia dos alunos, como abordado por Barroso, Darido e Bento (2009) sobre a necessidade de um tratamento pedagógico adequado ao ensino do esporte. Os autores declaram que no âmbito escolar, muitas vezes, os professores preocupam-se somente com o ensino do movimento e do gesto técnico das modalidades esportivas, sem permitir que os alunos analisem e compreendam o porquê da realização de tais movimentos. Para Santos (2003) o professor deve possibilitar aos seus alunos o direito de tomada de decisão. Como mencionado por Reverdito e Scaglia (2009), o ensino do esporte tem que estar vinculado com a autonomia do aluno e com a construção de cidadãos críticos.

Para Paes e Balbino (2015) uma pedagogia sedutora, com componentes lúdicos, permite que o processo de aprendizagem aconteça de forma mais fácil, pois o iniciante terá prazer em participar desse processo e assim aumentam as possibilidades de execução e compreensão ao jogo. O uso da ludicidade através de brincadeiras da cultura popular pode ser uma ferramenta enriquecedora no ensino dos esportes, sendo que Ferraz (2009, p. 57) declara: “[...] valorizar o lúdico nos processos de ensino significa considerá-lo na perspectiva dos aprendizes, uma vez que, para eles, apenas o que é lúdico faz sentido, sobretudo se são crianças” e ainda o autor ressalta sobre a necessidade de contrapor a ideia de que lúdico significa necessariamente algo que seja prazeroso, pois “sabe-se o quanto pode ser angustiante e não tão agradável o início de novas aprendizagens”. De acordo com Santos (2003) o ideal é dar início a prática esportiva com brincadeiras e jogos que apresentem desafios aos iniciantes, a partir de uma construção de atividades mais simples até atingir a estrutura do jogo em si. Durante esse processo é fundamental estimular a criatividade dos iniciantes para que possam encontrar as melhores respostas para as situações-problemas que surgem nos jogos esportivos.

Quanto ao processo de capacitação e formação dos iniciantes, é possível identificar dois referenciais: o metodológico que busca compreender o que ensinar, quando ensinar e como ensinar, no qual envolvem a organização pedagógica das modalidades e a escolha metodológica para sua aplicação e o referencial socioeducativo, que está relacionado com o processo educacional do ser humano, inserindo o trato de valores e modos de comportamento (PAES; BALBINO, 2009; PAES; BALBINO, 2015).

Em contrapartida, na atualidade o contexto esportivo que é mais reconhecido no Brasil é o de alto rendimento e isso afeta a prática do esporte em outros contextos, como nas escolas ou em espaços de lazer, e assim os praticantes acabam buscando a perfeição técnica e remetendo a supervalorização do primeiro lugar, a ansiedade pela vitória a qualquer preço e a rígida reprodução da técnica e das regras (BRACHT, 2005). Para Paes e Balbino (2009) isso

remete a uma prática esportivizada, no qual os praticantes se limitam à repetição de movimento e não permite a possibilidade de aprender algo novo. Tal prática não se mostra adequada aos propósitos educacionais, pois ao ser influenciada pelo esporte de alto rendimento não considera as fases de desenvolvimento motor, cognitivo, social, afetivo e a cultura corporal dos alunos (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Para Daólio e Velozo (2008), outro comprometimento de um processo de ensino orientado para uma prática esportivizada é o conceito de técnica, vista somente como um meio mecânico eficiente para realizar uma ação.

Na Educação Física tradicional a técnica que não se assemelha com o gesto do atleta de alto nível, tido como referência, tende a ser vista como errônea ou de baixa qualidade, de modo que há a insistência em se dizer que o aluno não sabe praticar esporte se não realizar os movimentos de acordo com certas prescrições biomecânicas e fisiológicas (DAÓLIO; VELOZO, 2008, p.12).

A busca pela realização do gesto técnico, tendo como referência atletas de alto nível, pode comprometer a continuidade na vivência ao esporte quando os iniciantes encontram dificuldades para a realização do movimento. A motivação e a permanência dos indivíduos na prática esportiva se refletem nas estratégias pedagógicas utilizadas no processo de ensino. Paes e Balbino (2015, p. 30) declaram que “[...] a motivação para superar as dificuldades das tarefas propostas no esporte deveria começar pelas ações pedagógicas do professor de Educação Física, e posteriormente, continuar pela motivação do próprio aluno”. Para Santos (2003, p.7) “[...] a longevidade da vida esportiva da criança está diretamente relacionada à maneira pela qual ela é introduzida ao esporte e, principalmente, à coerência deste processo em relação a suas motivações, necessidades e seus anseios”. Para Greco e Benda (2002, p. 26) “[...] não deve propor objetivos de rendimento em curto prazo, pois, além de ser inapropriados sob o ponto de vista psico-fisiológico, podem levar a uma saturação e, conseqüentemente, ao abandono precoce da prática esportiva”.

Por conseguinte, é necessário a clareza quanto aos objetivos da prática esportiva e seus aspectos pedagógicos, para assim estabelecer uma proposta pedagógica que seja capaz de promover o ensino do esporte de maneira eficiente. Para isso é necessário identificar particularidades das modalidades esportivas, em qual cenário ela ocorre, quem são os seus praticantes, quais significados atribuem a estas modalidades (PAES; BALBINO, 2009).

Segundo Paes e Balbino (2015) é importante que as pessoas que estão envolvidas com o ensino do esporte reconheçam a sua complexidade, pois ao contrário do que o senso comum muitas vezes aponta, a iniciação esportiva não se trata de um fenômeno simplista, mas sim um fenômeno complexo que necessita envolver uma base pedagógica. Santos (2003) declara sobre a necessidade de um referencial teórico para qualquer processo pedagógico, no qual é essencial pensar e firmar quais são os elementos presentes ao conteúdo que se pretende ensinar. Por isso, os professores e ou treinadores esportivos precisam compreender a ciência da pedagogia do esporte, para que através de ações pedagógicas possam proporcionar um ensino adequado que atenda às necessidades do seu grupo.

Segundo Vidal (2006) a iniciação esportiva tem como objetivo desenvolver as capacidades e habilidades humanas nas dimensões motoras, culturais, sociais, cognitivas e afetivas. Barroso, Darido e Bento (2009) defendem a visão de que não há uma separação entre a iniciação esportiva e a formação humana, mediadas pelo professor.

Em relação ao desenvolvimento nas dimensões motoras, Paes e Balbino (2015, p. 59) declaram que a aquisição de habilidades requer um longo período de aprendizagem e também de “[...] instrução e encorajamento, que vão desde a fase de estimulação até o processo de especialização em uma modalidade esportiva específica”. De acordo com Greco e Benda (2002, p. 23) “[...] a iniciação esportiva, procurar-se-á exercitar as ações, os movimentos, que se constituem em ‘tijolos’ básicos necessários para realizar, a posteriori, com mais facilidade as técnicas esportivas”, por isso durante essa fase a preocupação deve ser o oferecimento de orientações para as ações e movimentos básicos, de modo que futuramente o iniciante tenha maior facilidade na realização do gesto técnico esportivo.

A iniciação esportiva oferece aos indivíduos possibilidades motoras e vivências de um grande número de elementos, jogos e modalidades esportivas. Durante a aprendizagem é necessária muita atenção, pois é um processo complicado que pode ocorrer em condições diferentes em cada situação. No caso dos iniciantes que estão na formação esportiva básica é necessária uma abordagem diferenciada, quando comparados com atletas de alto nível que possuem capacidades motoras já desenvolvidas (MELHEM, 2002).

Para Ramos e Neves (2008) a iniciação esportiva é um período no qual a criança começa a aprender de maneira específica e planejada a prática esportiva. Evidenciando a necessidade das crianças se autoconhecerem e respeitar suas características para que elas não sejam transformadas em “mini adultos”. Para Greco e Benda (2002) quando a criança inicia a aprendizagem de uma modalidade esportiva a partir de metodologias inadequadas, esse

iniciante vai ficar restrito ao desenvolvimento das habilidades específicas da modalidade e comprometendo uma formação motora ampla e variada.

Durante a iniciação esportiva é necessário atenção e cautela para que não ocorra um processo de especialização esportiva precoce, onde as crianças são expostas a treinamentos e competições semelhantes ao de atletas adultos, criando situações que podem não ser apropriadas as suas capacidades e características. Esse treinamento voltado a funções específicas dentro de uma modalidade acaba restringindo o desenvolvimento de um repertório motor amplo e variado, devido à ausência de uma aprendizagem diversificada. E a especialização precoce é um sério problema presente tanto no ensino dos esportes nas escolas, como também em maior incidência nos clubes, isso porque alguns setores como a mídia acabam divulgando de forma equivocada que esse é um procedimento pedagógico eficiente para descobrir novos talentos do esporte (PAES; BALBINO, 2009; PAES; BALBINO 2015). Para Greco e Benda (2002, p. 24) os clubes fazem parte do “processo de conscientização e desenvolvimento da cultura corporal de movimento do sujeito, na construção da história da sua vida esportiva, coadjuvando na formação da personalidade do cidadão, sua consciência e espírito cooperativo”, mas que infelizmente ainda remetem ao conceito de competição e esporte de rendimento do modelo adulto para crianças e adolescentes. Portanto, Paes e Balbino (2009) concluem que a especialização precoce pode ocasionar problemas nos aspectos físicos, técnicos, táticos e psicológicos em que interferem de maneira negativa sobre as ações pedagógicas do ensino do esporte.

De acordo com Paes e Balbino (2015) o processo de iniciação esportiva necessita da presença de elementos que permitam a familiaridade da criança com o esporte, experimentando o jogo e ao mesmo tempo conhecendo e criando seus próprios movimentos e também a importância da interação com as demais crianças, ao contrário dos elementos que visam alcançar a especialidade dos aspectos técnicos, táticos e físicos da modalidade esportiva. Os autores ainda ressaltam sobre a necessidade dos alunos compreenderem o jogo em sua totalidade, reconhecendo a importância e o valor dos seus colegas de equipe, dos adversários e de si mesmo.

Nessa fase, de primeiro contato do indivíduo com o esporte, é necessário atenção no planejamento das atividades, levando em consideração o contexto no qual os indivíduos estão inseridos. De acordo com Daólio e Velozo (2008, p. 15), quando um mesmo professor atua em diferentes grupos, ele consegue perceber que um mesmo conteúdo esportivo reage de forma diferente, exigindo uma ação pedagógica específica para cada contexto, pois “[...] os interesses do grupo em questão podem ser diferentes, as experiências esportivas serem outras,

os significados atribuídos aquela modalidade serem outros, e os objetivos, serem variados”. Deste modo, o que pode ser prazeroso para um determinado grupo, pode acabar sendo desmotivante para outro e, como consequência, acabar influenciando de maneira negativa sobre o progresso dos iniciantes ao longo do tempo.

Os jogos devem ser escolhidos de forma a garantir uma intensidade máxima de participação e de prazer. Como as séries de jogos ou exercícios isolados oferecem estímulos diversos aos alunos, elas podem representar, em diferentes faixas etárias, tanto excesso relativo a idéia principal do jogo, e às suas ações essenciais, quanto um desestímulo a longo prazo, ocasionando por variações erradas no desenvolvimento de um jogo simples demais (EHRET *et al.*, 2002, p.137).

Logo, uma mesma atividade aplicada em grupos diferentes, considerando-se o contexto e a diferença na faixa etária dos seus participantes, pode desenvolver variados estímulos para diversas respostas. Neste caso, cabe ao professor realizar a mediação entre o conhecimento esportivo que vai ser trabalhado com as diferenças de interesses e experiências culturais de cada grupo (DAÓLIO; VELOZO, 2008).

Os jogos esportivos coletivos (JEC) são as modalidades nas quais ocorre a interação entre os companheiros de equipe em oposição a uma equipe adversária. Do ponto de vista tático, os JEC possuem basicamente dois sistemas: defensivo e ofensivo. A passagem de um sistema para outro é compreendida como transição, havendo a possibilidades de ter e perder a posse de bola, criando situações-problemas e inversão de jogo. Os aspectos técnicos comuns são: domínio de corpo, controle de bola, passe, recepção, drible, condução e finalização (PAES; BALBINO, 2009; GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2014).

Alguns autores da pedagogia do esporte apontam a importância dos jogos esportivos coletivos para a educação de crianças e adolescentes, devido a sua prática promover aspectos de cooperação, convivência, participação e inclusão. Entretanto, na iniciação esportiva, existem várias dificuldades que podem prejudicar este processo de ensino, como a busca de resultados em curto prazo, a especialização precoce e a falta de planejamento (OLIVEIRA; PAES, 2004).

Segundo Dietrich, Dürrwächter e Schaller (1984) existem dois princípios básicos que dominam os métodos de ensino para os jogos coletivos, o analítico-sintético e o global-funcional. O princípio analítico-sintético tem ênfase na repetição de tarefas para o aperfeiçoamento do gesto técnico, intencionando atingir uma melhora no jogo formal. Já no princípio global-funcional, os alunos vivenciam diversas situações problemas semelhantes às

do jogo formal. Para Paes e Balbino (2015) é equivocada a escolha de apenas um único método de ensino, pois não existe um único método capaz de abranger a complexidade dos jogos esportivos coletivos. Ehret *et al.* (2002) ressalta que as diferenças na performance entre as crianças precisam ser levadas em consideração, e assim o treinador precisa diferenciar quais são os métodos e os meios de ensino mais adequados, adaptando os exercícios de acordo com as condições de seus alunos.

Paes e Balbino (2015) apresentam algumas das estratégias para o ensino de modalidades esportivas coletivas: a) Exercícios analíticos que tem como objetivo o aperfeiçoamento da técnica e buscam o aprimoramento de um único fundamento e de forma individualizada; b) Exercícios sincronizados que utilizam dois ou mais fundamentos em um mesmo exercício e com o envolvimento de mais de um jogador; c) Brincadeiras que envolvem as atividades e jogos presentes na cultura das crianças direcionados com os objetivos da aula; d) Exercícios com situações de jogo para aproximação dos alunos com situações reais de jogo; e) Jogos pré-desportivos com regras mais simples e com caráter lúdico; f) Jogos reduzidos realizados com o número de jogadores e ou espaços reduzidos e o g) Jogo formal utilizado como uma maneira de ensinar. Barroso, Darido e Bento (2009) confirmam algumas dessas características como facilitadoras no processo de ensino e aprendizagem no contexto escolar:

A apresentação de regras permitindo que todos participem efetivamente, sem haver exclusão dos menos habilitados; o uso de brincadeiras da cultura popular, inserindo movimentos de variadas modalidades esportivas; a realização de jogos em espaços menores e com número reduzido de integrantes em cada equipe, propiciando mais contatos com a bola, no caso das modalidades coletivas; realizar alterações em um jogo, aumentando gradativamente as dificuldades e desafios a serem enfrentados pelos alunos, o que o fará aproximar-se das características de determinada modalidade esportiva (BARROSO; DARIDO; BENTO 2009, p. 287).

Barroso, Darido e Bento (2009) declaram ainda que são favoráveis às propostas de atividades com características de repetição do gesto técnico na tentativa de melhorar o movimento, no entanto, os autores defendem que deve haver a predominância na aplicação de jogos, por favorecer a aprendizagem dos alunos devido a maior motivação e prazer pela prática. Para Greco (2002) é fundamental que durante a infância e a adolescência a aprendizagem aconteça por meio de jogos de maneira incidental. Greco e Benda (2002, p. 27) indicam a necessidade de oferecer tarefas e problemas pertencentes ao jogo, ou seja, ações

que remetam a “ideia de jogo” e assim proporcione o desenvolvimento da capacidade de jogo através do “deixar jogar” e “deixar descobrir”.

Bolonhini e Paes (2009), ao relatarem sobre a proposta de ensino chamada *Teaching Games for Understanding* (TGFU), que tem como objetivo fazer com que o aluno adquira inicialmente a compreensão tática para depois ocorrer a aprendizagem do gesto técnico, assinalam que:

O TGFU propõe (...) aulas de iniciação esportiva que se baseiem em jogos reduzidos. Estes jogos podem ter espaço reduzido, menos jogadores, equipamentos adaptados, tempo de jogo reduzido, enfim, possuem regras adaptadas em relação ao jogo formal. No entanto, é importante que a estrutura tática destes jogos reduzidos seja semelhante a do jogo formal. Dessa forma, o aluno compreende a lógica do jogo, sendo capaz de responder de maneira inteligente às situações que aparecem durante o jogo (BOLONHINI; PAES, 2009, p.1)

De acordo com a proposta do TGFU, a utilização de jogos reduzidos oferece estímulos aos alunos relacionados aos componentes táticos do jogo formal e, assim, pode possibilitar que os alunos compreendam o porquê da realização do movimento, antes mesmo de realizarem os movimentos. Neste caso, quando os alunos se depararem com as diferentes situações problemas decorrentes do jogo, poderão ter maior facilidade para realizar as respostas.

E compete aos professores e treinadores proporcionar a vivência e os estímulos adequados, realizando intervenções que possibilitem uma maior reflexão aos alunos, pois o jogo por si só não contribui para a educação integral dos alunos. Durante o jogo surgem situações-problemas em que os alunos precisam solucionar e por isso é importante que eles conversem sobre os seus desempenhos, a interação com os próprios companheiros de equipe e também com os adversários. A partir de uma reflexão sobre a prática é possível construir o conhecimento (BOLONHINI; PAES, 2009).

É importante que o profissional envolvido no processo de ensino e de aprendizagem do esporte compreenda as possibilidades e estratégias pedagógicas para promover o desenvolvimento do aluno em sua totalidade e, para isso, é fundamental considerar as individualidades e o contexto no qual cada aluno está inserido, como também a importância de orientações e incentivos que favoreçam o conhecimento tático ao invés da simples repetição do movimento.

Portanto, podemos afirmar que o professor e ou treinador deve estar atento às necessidades de seus alunos para então proporcionar situações que despertem o prazer e o

interesse dos iniciantes para a continuidade da prática esportiva. Concluimos que o papel do professor é um elemento fundamental no processo de ensino e de aprendizagem.

No próximo capítulo, abordaremos a iniciação esportiva na perspectiva do ensino do handebol, bem como, os elementos característicos do papel de goleiro de handebol.

CAPÍTULO 2

INICIANDO A APRENDIZAGEM NO HANDEBOL

O handebol é um esporte coletivo e dinâmico, caracterizando-se por uma funcionalidade que envolve, simultaneamente, a cooperação e a oposição. O objetivo de quem joga é fazer gols usufruindo, para tal, de fundamentos técnicos e sistemas táticos para superar os adversários. Suas regras são simples e de fácil compreensão. Além de um esporte de oposição e cooperação simultâneas, o handebol também é classificado como um esporte de invasão, no qual uma das equipes busca ocupar a quadra adversária para a aproximação ao alvo e realização dos gols, ao mesmo tempo que busca proteger a sua própria meta (GONZÁLES; DARIDO; OLIVEIRA, 2014). É um dos esportes mais praticados no Brasil, conquistando um lugar de destaque entre os esportes de quadra, de acordo com Gonzáles, Borges e Impolcetto (2014, p. 221) a “[...] a aula de educação física é a principal fonte de promoção do handebol no país” tornando-se um das modalidades esportivas coletivas mais ricas para se praticar.

No entanto, é necessário estar atento, pois segundo Rodenbusch (2009, p.49) “[...] tanto a ‘popularidade’ como a ‘facilidade’ para se começar a aprender o Handebol não fazem, contudo, que as suas atividades iniciais devam ser desconsideradas (...)” ao contrário disso, para que o iniciante consiga atingir o máximo de seu potencial dentro do esporte é necessário que o processo de aprendizagem ocorra de forma planejada e com embasamento em conceitos sólidos.

Entre os fundamentos ofensivos próprios do handebol estão: os passes, recepções, fintas, dribles, progressões e arremessos. As posições dos jogadores são: armadores, pontas, pivôs e goleiros (GRECO, 2002). Em relação às variações nos sistemas ofensivos e defensivos, Ehret *et al.* (2002) estabelece a necessidade de se trabalhar com esses sistemas a partir de uma ordem que precisa ser respeitada, considerando as faixas etárias dos alunos e a complexidade das técnicas, dos sistemas defensivos e ofensivos que vão ser desenvolvidos. Para González, Darido e Oliveira (2014) o ensino dos esportes de invasão deve estar centrado no comportamento dos alunos diante as situações de jogo, enfatizando a utilização de jogos reduzidos em que o professor permita a problematização e reflexão pelos alunos sobre as ações realizadas. Gonzáles, Borges e Impolcetto (2014, p. 222) confirmam que o handebol “[...] é um esporte que requer muita inteligência dos participantes, uma vez que as opções de ação são várias e muitas vezes precisam ser processadas em milésimos de segundos”.

A verbalização dos conceitos táticos é uma ferramenta importante para o desenvolvimento da compreensão dos jogos. Oportunizar que o aluno fale sobre 'o que' tem ou não para fazer em determinada situação, assim como avaliar as ações próprias como a de seus colegas durante o jogo, deve ser uma preocupação permanente do professor (GONZÁLES; BORGES; IMPOLCETTO, 2014, p.229).

Dessa forma, o diálogo torna-se uma ferramenta importante para o desenvolvimento dos alunos sobre a compreensão dos jogos, o que sugere que os professores necessitam encorajar o diálogo entre os alunos diante as situações que surgem no decorrer das aulas e, assim, promover a reflexão sobre suas próprias ações em interação com os companheiros e adversários.

Gonzáles, Borges e Impolcetto (2014) identificam quatro subpapéis que os jogadores de linha assumem durante um jogo de handebol: atacante com posse de bola (ACPB), atacante sem posse de bola (ASPB), defensor do atacante com posse de bola (DACPB) e defensor do atacante sem posse de bola (DASPB). O ACPB necessita observar antes de realizar as ações e perceber quando seu companheiro está em condições para receber o passe, já o ASPB precisa desmarca-se do adversário para receber a bola livre de marcação enquanto se desloca para a meta adversária. O DACPB realiza a marcação do atacante direto se posicionando entre ele e o gol defendido e o DASPB realiza a marcação do adversário direto que está sem a posse de bola, mas sempre atento ao adversário que está com a posse de bola. Os jogadores mudam estes subpapéis de forma constante durante o jogo, de acordo com a alternância da posse de bola entre as equipes.

Para as regras específicas da modalidade o ideal é que o treinador proponha atividades que insiram essas regras aos poucos, para que os alunos se aproximem e se familiarizem. Melhem (2002) defende que as regras devem ser introduzidas em etapas e aumentando o nível de maneira gradual de acordo com o conhecimento dos alunos. O autor ainda afirma que apenas um jogo bem aprendido possibilita o prazer pela sua prática. Para Santos (2003) através do ensino ao respeito pelas regras é possível educar o comportamento social do aluno, mostrando a necessidade de cumprir com seus direitos e deveres como cidadãos.

Cada equipe de handebol é formada por 16 jogadores sendo que não podem estar presentes mais do que 7 jogadores em quadra por equipe, desta forma os demais vão ser os jogadores reservas e em todo tempo do jogo deverá ter um jogador em quadra com a função de goleiro para cada equipe. As balizas são colocadas no centro de cada linha de fundo e possuem medidas de 2 metros de altura por 3 metros de largura, por sua vez as traves e o travessão devem ter uma secção quadrada de 8 centímetros e o gol é marcado quando a bola

ultrapassa totalmente a linha de fundo. Em frente das balizas existe a área de gol, que é delimitada pela linha de 6 metros e apenas o goleiro é permitido entrar nela. Quando uma situação clara de marcar gol é impedida de maneira antirregulamentar é cobrado o tiro de 7 metros, neste um jogador da equipe que recebeu a falta se posiciona na linha dos sete metros que é demarcada à frente das balizas, arremessa a bola ao gol num confronto direto com o goleiro adversário (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDEBOL, 2010; SILVA, 2002).

Como proposta para incentivar a prática esportiva, alguns autores sugerem que ao invés dos treinadores organizarem campeonatos, oferecessem festivais, permitindo assim que os iniciantes se encontrem dentro do esporte, sem as exigências que um campeonato pode acarretar. Conforme Gonzáles, Borges e Impolcetto (2014, p. 230) apresentam “[...] o importante é não esquecer que se trata de colocar a competição ao serviço da aprendizagem dos alunos”. Para Ehret *et al.* (2002), é interessante aumentar a complexidade da dinâmica do jogo de forma gradual, um exemplo seria aumentar o número de jogadores por equipe de acordo com a faixa etária dos iniciantes, até chegar o formato de 6 contra 6.

Ehret *et al.* (2002) apresentam quatro fases para o treinamento de base de handebol, em que considera a idade e também o desenvolvimento dos alunos. Iremos ponderar as duas primeiras fases como propósito para o estudo, pois a fase 1 envolve crianças de até 12 anos de idade e tem como preocupação central incentivar a motivação pela prática de handebol e respeitar o desenvolvimento da individualidade e necessidades das crianças. Os autores ainda aconselham que se evite o treinamento específico nessa fase, já que o fundamental é a formação múltipla e geral dessas crianças. A fase 2 envolve crianças de até 13 à 14 anos de idade, e tem como objetivo desenvolver a criatividade para a capacidade de jogo, utilizando de jogos básicos e sem nenhuma especialização em posições. Apesar disso, é necessário estar atento ao critério da idade em relação à diferenciação de fases, pois existem muitas situações que a idade cronológica não acompanha o desenvolvimento motor (SANTOS, 2003). Sendo assim, é necessário utilizar dessa esquematização para jovens e adultos no processo de iniciação esportiva, sempre considerando as individualidades dos alunos para desenvolver a capacidade de jogo, evitando a busca pelo aperfeiçoamento do gesto técnico e a especialização de posições nesse primeiro momento de contato com o esporte.

Para Santos (2003), durante a iniciação esportiva em handebol, é importante que o iniciante tenha diversos tipos de experiências. Segundo Greco e Benda (2002) a iniciação esportiva precisa privilegiar uma formação global e não se limitar ao aprendizado de posições específicas, com isso é fundamental que professores estabeleçam atividades que permitam a

vivência dos alunos nas mais variadas funções dentro da modalidade. Em relação à posição específica de goleiro:

Nunca especializar o jogador precocemente! Observar quem gosta de jogar no gol e quem preenche os requisitos (mobilidade, habilidade) Não utilizar reforço negativo como: O pior jogador deve ser o goleiro; pois a posição de goleiro no handebol atual é importante demais. Levar em consideração que a estatura correspondente à posição pode ser um critério, mas não uma característica. Mesmo no handebol de alto nível, há goleiros que são muitos menores do que a altura ideal de 1,90 m (EHRET *et al.*, 2002, p.212).

Portanto, é necessário proporcionar grande número de experiências dentro do handebol, oferecendo oportunidades para que todos os alunos possam também vivenciar a posição de goleiro.

São diferentes os contextos nos quais o professor e ou treinador pode atuar com o indivíduo, seja com o ensino de jogos, brincadeiras e esportes dentro do âmbito escolar ou na formação de turmas de treinamento de cidades ou clubes. Para isso, é necessário considerar diversos fatores durante o processo de ensino e de aprendizagem, mas o fator em comum, independentemente da área ou contexto de ensino, é o do próprio aluno. É essencial considerar e respeitar as características, dificuldades e individualidades, e com isso fornecer ferramentas pedagógicas que possibilitem o seu desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo, pois com o esporte é possível estabelecer condições para formação de sujeitos críticos e conscientes na sociedade.

2.1 Compreendendo o goleiro de handebol

Os profissionais envolvidos com o ensino do handebol, sejam eles professores de educação física que atuam com o esporte no contexto escolar ou treinadores esportivos de instituições privadas, necessitam do conhecimento dos elementos presentes na atuação da posição de goleiro, pois segundo Greco (2002, p. 13): “[...] muitas vezes os goleiros são ‘deixados de lado’ nas suas funções, são colocados como observadores do treino, como defensores, como passadores de bola ou simplesmente como ‘postes’ demarcando espaços dos atacantes”, revelando a dificuldade que, muitas vezes, são encontradas para a realização de um treino específico ou de aulas de handebol que incluam a função de goleiro.

À atuação do goleiro corresponde a grande parte, do sucesso das equipes, por isso a necessidade de um treinamento específico adequado para as exigências que essa posição

requer dentro de uma modalidade esportiva. Neste sentido, os professores e treinadores precisam conhecer as principais características do goleiro de handebol para assim incentivar seus alunos a atuarem nessa posição fundamental para a equipe (THIENGO; VITÓRIO; FERREIRA, 2006).

Em pesquisa realizada por Salles *et al.* (2009) com o objetivo de identificar o treinamento de goleiras de handebol em diferentes níveis de formação no estado de Minas Gerais, apenas 29,41% das participantes da pesquisa declararam ter treinamento específico para a posição e que isso ocorria de forma rara ou em situações próximas de competição. Tais resultados ressaltam a necessidade da discussão do treinamento, ou no caso em estudo, da vivência dos iniciantes na posição de goleiro de handebol, pois os alunos que a assumem acabam sendo pouco ou mal orientados.

É possível definir a posição do goleiro de handebol como aquele que vai muito além do ato de realizar defesas e impedir o gol adversário, conforme Greco (2002) destaca:

O goleiro deve fazer quase tudo, organizar a defesa, realizar suas funções de evitar que a bola ultrapasse a linha de gol, como último jogador, corrigir os erros e falhas de seus colegas na defesa. Sendo primeiro a iniciar o contra-ataque e suas intervenções, tem uma influência decisiva no jogo (GRECO, P. J. 2002, p. 14).

Greco (2002) considera a formação e o treinamento de goleiro como um processo pedagógico, no qual existe a relação e interação entre os elementos de uma tríade denominada como processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Esse processo, nas faixas iniciais, tem como objetivo permitir que as crianças ou adolescentes vivenciem e experimentem de forma rica as diferentes possibilidades do movimento, sem seguir um modelo ou parâmetros de rendimento de adultos. O autor ainda afirma que a busca de um treinamento de alto nível para a atuação de goleiros de handebol só podem começar a partir dos 12-14 anos de idade, no qual vai se tratar de um processo prolongado e trabalhoso.

De acordo com Loffredo e Greco (2002), as ações dos goleiros podem ser divididas em ações defensivas, com o objetivo de interceptar a bola e evitar o gol adversário e em ações ofensivas. Sob este ponto de vista, o goleiro torna-se o primeiro atacante da equipe após a realização de uma defesa, em que ele deve rapidamente colocar a bola em jogo. Kasler (1978) estabelece que o goleiro de handebol também deve procurar ser jogador de linha, buscando aprender o trabalho dos jogadores de ataque e de defesa, além de possuir capacidades de tempo de reação, coragem e sensibilidade. Kasler (1978) resalta ainda que a instrução do

goleiro deve acontecer em combinação com os jogadores de linha, pois um jogo eficiente de goleiro só poderá ocorrer em conjunto com os jogadores que estão na defesa, procurando defender os arremessos do ataque adversário. Com isso, podemos compreender o goleiro de handebol como um jogador que requer o desenvolvimento de diversas capacidades específicas e atuando em interação com os demais jogadores.

A posição de prontidão do goleiro entre as balizas é realizada bem em frente à linha de gol, para assim diminuir o ângulo e dificultar o arremesso do adversário, bem como, realizar a leitura da mão do adversário e do deslocamento da bola durante os arremessos em orientação com o deslocamento do seu próprio corpo. A bola pode ser defendida com o pé, corpo, braço ou ombro, sendo importante que o goleiro busque sempre o domínio imediato sobre a bola, para assim reconduzi-la rapidamente ao jogo (KASLER, 1978). Greco, Filho e Júnior (2002, p.231) corroboram que “[...] um bom posicionamento do goleiro poderá aumentar a dificuldade para o atacante converter o gol” e que “[...] torna-se importante lembrar que o goleiro deve recuperar-se após a defesa para dar continuidade ao jogo, repondo rapidamente a bola em jogo”.

Loffredo e Greco (2002) mencionam dois tipos de goleiros de handebol: o goleiro saltador e o goleiro posicionado. O goleiro saltador realiza as defesas com salto e por isso necessita de uma grande potência dos membros inferiores, geralmente são os goleiros de menor estatura. Já o goleiro posicionado realiza as defesas com o mínimo de movimento e deslocamento, possui grande altura e envergadura e também uma boa capacidade de reação. Loffredo e Greco (2002) afirmam ainda que o goleiro de handebol está sujeito a um grande esforço durante o jogo: devido à força dos arremessos dos adversários, pelo fato da bola ser pequena e dura; pela proximidade com os adversários quando realizam os arremessos. No entanto, é uma posição que possui privilégios como: a área exclusiva para atuação e a utilização do corpo todo para a realização das defesas.

Em relação às regras de handebol, no que se refere ao posicionamento do goleiro, é importante destacar que:

Ao atleta que estiver como goleiro cabe a função de defender a meta dos lançamentos que objetivem o gol. Para exercer essa função o goleiro tem um espaço reservado e exclusivo de atuação – a área de gol – que é definida por uma linha a 6 metros do gol. Dentro da área de gol, com objetivo de defesa, o goleiro poderá utilizar qualquer parte do corpo para evitar que a bola penetre nas balizas. Os movimentos que os goleiros fizerem em tentativa de defesa ou não, dentro de sua área não podem colocar em perigo a saúde ou integridade física do adversário (SILVA, 2002, p. 206).

O goleiro, num jogo de handebol oficial, veste uniformes que o diferencia dos jogadores de quadra. Quando o goleiro estiver dentro da sua área de gol ele pode movimentar-se livremente com a bola sem se preocupar com as regras referentes as duas-saídas, dar mais de três passos com a posse de bola ou ficar com a bola em mãos por mais de três segundos, entretanto, quando ele sair da sua área e assumir a função de jogador de linha, ele deve respeitar todas essas regras dos jogadores de linha. Para o goleiro sair ou retornar a sua área ele não pode estar com posse de bola. Ele pode fazer gol de qualquer parte da quadra, inclusive da sua própria área de gol. A área é uma região exclusiva do goleiro e quando a bola estiver sobre ela, pertencerá ao goleiro. Em situações nas quais o goleiro sai ou retorna para a área com a posse de bola, ou ainda quando ele recebe o passe de seus companheiros de equipe quando está dentro da sua área, é marcada uma falta de tiro livre para equipe adversária (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDEBOL, 2010; SILVA, 2002).

Entre as defesas características do goleiro de handebol, estão as técnicas de defesas realizadas com saltos e com os membros superiores e inferiores na forma de “X” para as bolas arremessadas da região do centro da quadra, assim como a técnica de “sidekick” (chute lateral). E também as defesas com abertura das pernas, ou levantando uma das pernas na posição “Y” nos arremessos de pontas. Tais técnicas de defesa objetivam reduzir a área de visão dos adversários para dificultar os seus arremessos (GRECO; FILHO; JÚNIOR, 2002).

Considerando os aspectos táticos, os goleiros requerem habilidades estratégicas, sendo essencial manter a concentração sobre o adversário que está com a posse de bola. Para Greco (2002), o desempenho do goleiro não deve ser restrito a um treino de técnicas de defesa, mas às observações de jogo e das características dos adversários (linha de corrida, braço de arremesso, aonde a bola é mais arremessada e entre outras). Greco, Neves e Matias (2002) apresentam algumas das ações táticas dos goleiros: observação do jogador que arremessa; sair da área e atuar como jogador de linha; antecipação do passe de contra-ataque da equipe adversária; arremesso ao gol adversário.

Segundo Thiengo, Vitorio e Ferreira (2006), a velocidade, coordenação e destreza, flexibilidade, força, potência e resistência são as qualidades físicas mais importantes para o goleiro de handebol. Chagas (2002) afirma que a flexibilidade é muito importante para o goleiro devido as técnicas de defesas que envolvem grande amplitude de movimento. No esporte de alto rendimento, alguns parâmetros em relação ao biotipo ideal de goleiro está relacionado com aspectos morfológicos como: grande estatura e envergadura (alcance dos braços) e o baixo percentual de gordura, aspectos motores como: alto nível de velocidade de

reação, coordenação e flexibilidade e aspectos psicológicos como: resistência de concentração e percepção (GRECO; NEVES; MATIAS, 2002; EHRET *et al.*, 2002).

Além do treinamento voltado para o desenvolvimento técnico, tático e físico, a posição de goleiro requer desempenho psicológico para aumentar os níveis de atenção sobre situações de estresse, conforme apresentado por Greco (2002, p. 14) “[...] um bom goleiro deve ter uma adequada técnica, excelente condição física, uma consistente capacidade psicológica, principalmente concentração e atenção elevadas [...]”. Tais elementos auxiliam o goleiro para conseguir se preparar nos lances de jogos e não deixar que a frustração sobre as ações, que não tiveram sucesso e que foram convertidos em gols pelos adversários, influencie no seu desempenho.

O medo e a coragem muitas vezes estão associados com a posição de goleiro, isso devido ao grande contato da bola sobre o corpo desse jogador. Para Miranda (2002, p.189), o medo é “[...] uma característica psicológica natural do homem que o prepara para a sobrevivência e para enfrentar os desafios”, por meio de orientações, treinamento e o uso de equipamentos específicos, surgem as oportunidades de gerenciar esse medo.

O medo de se lesionar, seja por movimento ou por levar uma “bolada” no rosto, por exemplo, deve ser tratado naturalmente pelos treinadores. É bom lembrar que contusão é exceção não uma regra do jogo do goleiro, embora ela faça parte do jogo. Deste modo, a melhor administração do medo frente aos eventos físicos é treinar o goleiro, para utilizar as técnicas de defesa da melhor maneira possível, bem como utilizar táticas específicas (MIRANDA, 2002, p. 190).

O jogo de handebol, por ser muito rápido e dinâmico, tem uma média alta de gols durante uma partida e o goleiro de handebol, sendo uma posição que fica em evidência, pode acabar acometido pelo medo de errar.

O medo de não cumprir com êxito (fracasso) suas responsabilidades, [...], eventualmente não pode ser evitado. Portanto, de cada fracasso, deve-se tirar lições e fazer avaliações a fim de conhecer o porquê desse fracasso e seguir em frente (...) (MIRANDA, 2002, p. 190).

Miranda (2002) revela que para o treinador conseguir realizar a melhor estratégia para o treinamento de goleiros é necessário que sejam identificadas, primeiramente, as necessidades do goleiro, entre elas quais são as motivações que levou o aprendiz a se tornar goleiro. Além disso, a motivação para o treinamento é essencial para uma boa performance na

posição, já que as atividades oferecidas durante as aulas ou treinos devem gerar prazer, auto percepção quanto à melhora no rendimento e assegurar condições para que se aprenda o novo.

Para Greco e Benda (2002) a formação do goleiro de handebol é um processo de longo prazo e não é limitado por técnicas de defesas, mas a todas as experiências adquiridas com o esporte pelo aprendiz desde a infância. Segundo os autores, o goleiro atua na seguinte sequência: evitar o gol; recuperar a bola; direcioná-la a sua equipe para realizar o gol. E ainda:

Para que possa atingir esses objetivos, a sua formação deveria ser mais ampla possível, não se especializando em uma função precocemente, mas tendo o domínio e conhecimento de diversas funções ou, quem sabe, de diferentes modalidades, tornando-se uma espécie de jogador universal (GRECO; BENDA, 2002, p. 32).

O goleiro é um elemento fundamental para uma equipe, pois além de atuar na defesa e impedir a marcação dos gols adversários, ele também é um fator decisivo para o contra-ataque, através de uma rápida recuperação de bola. Devido ao seu campo de visão, os goleiros podem perceber as falhas da equipe e fornecer as informações necessárias para sua organização. É um jogador com características que pode estimular e motivar o desempenho de todos os seus parceiros de equipe, pois como é amplamente difundido: “o melhor ataque sempre começa com uma melhor defesa”.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Ludke e André (1986), para realizar uma pesquisa é necessário proporcionar uma relação entre os dados, as evidências, as informações que foram coletadas e o conhecimento teórico acumulado sobre determinado assunto. Neste sentido, ao partir do estudo de um problema, o pesquisador tem como papel servir como veículo entre esse conhecimento acumulado e as novas evidências que serão definidas por meio da sua pesquisa.

O referente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva-interpretativa. Para Ribeiro (2008, p. 133) a pesquisa qualitativa é uma tentativa de compreender de maneira detalhada as características da realidade investigada. E ainda, “[...] se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada [...]”. A partir da abordagem descritiva-interpretativa é possível descrever e analisar as características, comportamentos e ou as relações existentes na realidade investigada e com isso favorecer a criação de hipóteses para resolver os problemas que foram identificados na pesquisa (CERVO; BERVIAN, 1983).

Participaram do estudo 15 crianças e adolescentes, sendo 8 participantes do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades entre 11 a 16 anos. Os participantes frequentavam o projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol” que é oferecido pelo Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Bauru/São Paulo. Tal projeto de extensão contava, no momento desta pesquisa, com 3 polos que eram desenvolvidos em lugares diferentes. O foco do projeto é a iniciação esportiva e tem como objetivo fornecer bases educativas que permitam aos alunos vivenciarem o jogo de handebol em todas as suas dimensões, considerando a realidade no qual eles vivem e contribuindo com a formação de sujeitos conscientes e críticos na sociedade. O projeto também possibilita o contato direto dos graduandos com a prática docente através da organização, planejamento, avaliação e mediação das aulas.

Os participantes do estudo incorporam o estudo a partir de uma seleção aleatória, pois consideramos que todos os alunos do projeto eram iniciantes quando assumiam o papel de goleiro de handebol. Todos os participantes concordaram com os procedimentos da coleta que foram especificados no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), como

também seus pais ou responsáveis manifestaram tal concordância ao assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B).

As entrevistas foram realizadas com cinco alunos de cada polo do projeto, a saber: Colmeia, Praça de Esportes UNESP/Bauru, Praça Paradesportiva. Após as entrevistas, os alunos formaram equipes para a realização de jogos reduzidos de handebol que foram filmados pelo pesquisador. As entrevistas e filmagens foram realizadas em datas diferentes em cada polo, sendo que para as entrevistas foi utilizado um gravador de voz (aplicativo de *smartphone*) e para as filmagens uma câmera de vídeo (modelo *Canon SX170 IS*).

Para Ribeiro (2008, p. 141) a entrevista é “[...] a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento”, indo além das descrições das ações, na medida em que os entrevistadores podem incorporar novas fontes para as interpretações dos resultados. Para Ludke e André (1986), uma das grandes vantagens da entrevista é que ela permite captar a informação desejada de maneira imediata, sendo uma das principais técnicas utilizadas nas pesquisas qualitativas. E ainda, as mesmas autoras afirmam que: “[...] enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado” (p.34), permitindo que sejam feitas correções, esclarecimentos e adaptações.

No presente estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas por meio da elaboração prévia do roteiro (Quadro 1). Para Manzini (2004), a entrevista semiestruturada, é aquela que se direciona por um roteiro previamente planejado e possui perguntas abertas. Entretanto, é necessário considerar as possíveis dificuldades na utilização da técnica de entrevista, como a falta de motivação dos participantes em responder as perguntas ou apresentar respostas falsas, a influência do entrevistador sobre o entrevistado e a dificuldade dos entrevistados em compreender o real significado das perguntas (GIL, 1999).

Os dados foram coletados através do uso de um gravador, sendo que para Schraiber (1995) isso permite ampliar o poder de registro, pois é possível captar elementos de comunicação como as pausas de reflexão, dúvidas e diferenças na entonação da voz.

Quadro 1 - Roteiro de Entrevista

Roteiro de Entrevista
1) Nome (ou apelido) e quantos anos têm?
2) Há quanto tempo você participa do projeto? (Qual o polo?)
3) Você já jogou como goleiro em alguma modalidade esportiva? Qual?
4) Você gosta de jogar como goleiro de handebol? Por quê?
5) Na sua opinião o que o goleiro de handebol precisa saber ou fazer para jogar bem?

As perguntas “Nome (ou apelido) e quantos anos têm?” e “Há quanto tempo você participa do projeto? (Qual o polo?)” tiveram como objetivo identificar as características dos participantes do estudo. A terceira pergunta “Você já jogou como goleiro em alguma modalidade esportiva? Qual?” teve como objetivo detectar quais os participantes que já tinham tido algum contato com a posição de goleiro em outras modalidades esportivas, sem considerar a prática de handebol. Cumpre lembrar que nas aulas do projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol” há o estabelecimento de rodízio de goleiros entre os alunos durante as atividades e também festivais, para que todos os alunos possam vivenciar a posição. As duas últimas perguntas “Você gosta de jogar como goleiro de handebol? Por quê?” e “Na sua opinião o que o goleiro de handebol precisa saber ou fazer para jogar bem?” tiveram como objetivo investigar se havia ou não motivação dos participantes quando assumiam o papel de goleiro e quais eram os seus conhecimentos sobre essa posição específica.

As observações foram realizadas com base nas filmagens de jogos reduzidos (menor número de jogadores, espaço e tempo reduzidos) de handebol, com o objetivo de investigar o comportamento dos participantes quando assumiam a função de goleiro. Em cada polo do projeto foram separadas duas equipes mistas e equilibradas com 5 jogadores em cada equipe, sendo que apenas uma das equipes de cada polo foi considerada para avaliação do estudo. O jogo tinha duração de 10 minutos e rodízio de goleiros a cada 2 minutos, para que assim todos os alunos pudessem assumir a posição. Uma câmera foi posicionada na região lateral da quadra (visão da área do goleiro) e dessa forma foram registrados apenas os participantes da equipe avaliada quando assumiam a função do goleiro de handebol (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - Filmagem do goleiro / Equipe na defesa

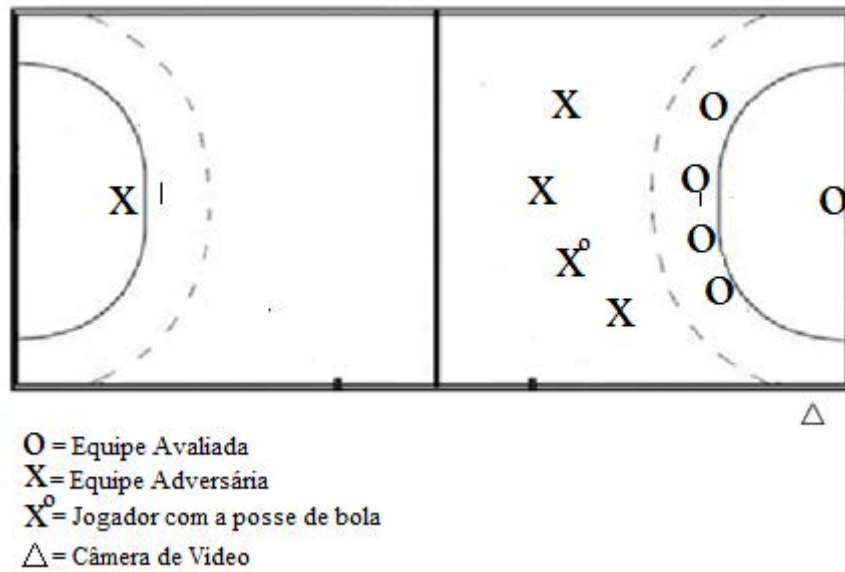
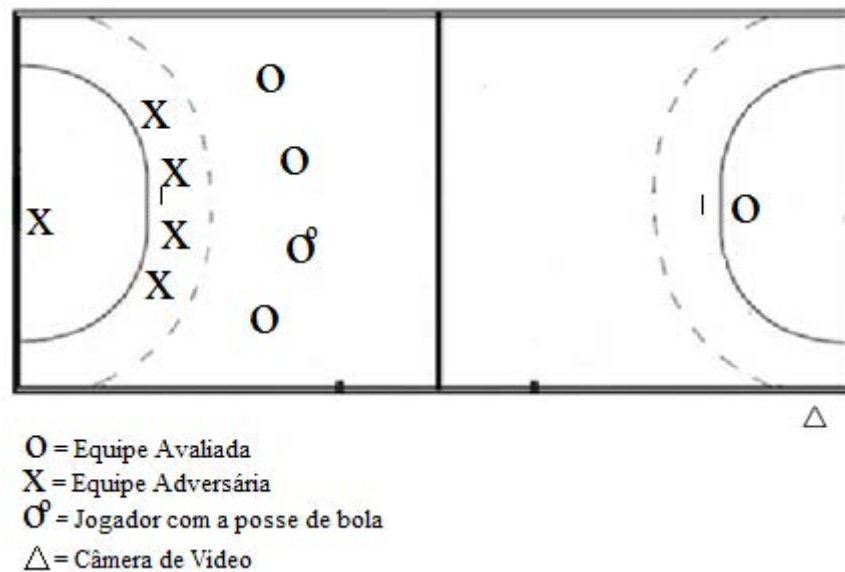


Figura 2 - Filmagem do goleiro / Equipe no ataque



A observação é um instrumento valioso na pesquisa qualitativa, pois é um procedimento de coleta e de organização das informações. O tipo de observação vai depender da problematização e dos objetivos do estudo, sendo necessário que a observação seja realizada num contexto real da pessoa com a atividade observada (GIL *et al.*, 2004). No entanto, Ludke e André (1986, p. 25) afirmam que a observação precisa ser controlada e sistematizada para que seja um instrumento válido e fidedigno em uma pesquisa científica, por isso a necessidade de um planejamento e preparação rigorosa do observador.

Para Gil *et al.* (2004) a observação precisa ser intencionada a partir de objetivos determinados e também sustentada por meio de um corpo de conhecimentos. E ainda, possuir elementos como: o sujeito que realiza a observação, o indivíduo que é observado, os meios que são utilizados para colher as informações, as ferramentas utilizadas para coleta e o marco teórico utilizado como elemento referencial para o estudo.

As observações das filmagens foram realizadas a partir de um roteiro previamente formulado (Quadro 2), sendo que o uso do recurso da gravação de vídeo, segundo Reyna (1997), permite uma observação detalhada, podendo ver quantas vezes forem necessárias, o que não seria possível em casos de observações realizadas em tempo real.

Quadro 2 - Roteiro de Observação dos Jogos Reduzidos

Roteiro de Observação
1) O aluno quando está no gol assume uma posição de alerta/prontidão?
2) Posiciona-se entre as balizas e a frente da linha do gol?
3) Procura acompanhar a trajetória da bola?
4) Busca realizar defesas com todos os membros do corpo?
5) Explora a área de atuação do goleiro? (rebatendo a bola, espalmando a bola para a linha de fundo)
6) Realiza algum tipo de comunicação com os colegas de equipe durante o jogo?
7) Observa a própria equipe quando estão atacando?
8) O aluno olha para o gol adversário quando pega na bola?

O roteiro de observação foi estabelecido de acordo com as ações idealizadas para um bom desempenho do goleiro iniciante de handebol, as quais abrangem: a posição de alerta e prontidão para realização das defesas de forma imediata; o posicionamento adequado entre as balizas e a linha de frente do gol; o acompanhamento da trajetória da bola a partir do arremesso do adversário; a realização dos movimentos de defesas com todos os membros do corpo (mãos, pés, tronco e entre outros); a exploração da área do goleiro através do rebote da bola para a sua área ou a linha de fundo; a comunicação com os colegas de equipe para a correção de possíveis erros identificados durante o jogo ou como fator motivacional aos companheiros de equipe; a observação da própria equipe quando estão na situação ofensiva e

olhar para o gol adversário a partir do momento que recupera a posse de bola. As ações foram definidas a partir das obras encontradas na literatura referente ao goleiro de handebol (GRECO, 2002; KASLER, 1978; EHRET *et al.*, 2002).

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados e analisados os resultados das coletas das entrevistas e das observações dos jogos reduzidos que foram filmados. Os dados das entrevistas foram organizados em três quadros (Quadros 3, 4 e 5) e os resultados das observações foram agrupados num único quadro (Quadro 6). Os polos referentes à Colmeia, Praça de Esportes/UNESP e Praça Paradesportiva foram denominados, respectivamente, por P1, P2 e P3. Os nomes dos participantes da pesquisa foram representados por nomes fictícios relacionados a goleiros e goleiras de handebol que se destacam ou já se destacaram no cenário esportivo mundial.

O quadro 3 traz a seguinte pergunta “Você já jogou como goleiro em outra modalidade esportiva? Qual?”, com o objetivo de identificar quais os participantes que já tiveram o contato com a posição de goleiro em outras modalidades que não o handebol. Desta forma, é possível estabelecer uma comparação direta entre os participantes que tiveram a vivência nessa posição somente pela participação no projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol”.

Quadro 3 - Pergunta: Você já jogou como goleiro em outra modalidade esportiva? Qual?

VOCÊ JÁ JOGOU COMO GOLEIRO EM OUTRA MODALIDADE ESPORTIVA? QUAL?		
DATA	PARTICIPANTE	ENTREVISTA
13/09/2017	Babi, 12 anos – P1	Não, nunca.
13/09/2017	Mayssa, 13 anos – P1	Já, às vezes eu jogo futebol e vou como goleira lá na escola.
13/09/2017	Maik, 11 anos – P1	Sim, futebol.
13/09/2017	Darly, 12 anos – P1	Não.
13/09/2017	Sedoykina, 11 anos – P1	Como goleira não.
16/09/2017	Hedvig, 16 anos – P2	Já joguei futebol.
16/09/2017	Tess Wester, 10 anos – P2	Não.

16/09/2017	Bá, 10 anos – P2	Eu não.
16/09/2017	Thierry Omeyer, 15 anos – P2	Não.
16/09/2017	Chana, 15 anos – P2	Não.
19/09/2017	Jacobsen, 14 anos – P3	Só futebol.
19/09/2017	Andreas Wolff, 13 anos – P3	Sim, futebol.
19/09/2017	Moreschi, 12 anos – P3	Não.
19/09/2017	Danijel Saric, 13 anos – P3	Em futebol só.
19/09/2017	Jéssica Oliveira, 14 anos – P3	Não.

Os participantes Babi, Darly, Sedoykina, Tess Wester, Bá, Thierry Omeyer, Chana, Moreschi e Jéssica Oliveira relataram que nunca jogaram na posição de goleiro em outras modalidades esportivas. Isso pode remeter a dificuldade que muitos dos professores encontram para desenvolver treinos ou aulas que envolvam a função de goleiro (GRECO, 2002). Os demais participantes disseram que já tiveram contato nessa posição no futebol.

Quando se fala em handebol, são inevitáveis as comparações com o futebol, pois tem o gol como objetivo e um jogador com uma função específica para se evitar o gol: o goleiro (BENDA; XAVIER; MARTINI, 2002, p. 179).

A participante Mayssa acrescentou que a sua vivência como goleira aconteceu no cenário escolar, sendo que para Greco e Benda (2002) o processo de ensino-aprendizagem-treinamento deveria iniciar-se na infância e ter a escola como referência, tanto para a educação formal quanto para a cultura e para os hábitos que promovam a conscientização sobre a importância da prática regular de atividade física.

A seguir o quadro 4 apresenta a seguinte pergunta “Você gosta de jogar como goleiro de handebol? Por quê?” com o objetivo de identificar os participantes que possuíam prazer e motivação quando assumiam o papel de goleiro de handebol.

Quadro 4 - Pergunta: Você gosta de jogar como goleiro de handebol? Por quê?

VOCÊ GOSTA DE JOGAR COMO GOLEIRO DE HANDEBOL? POR QUÊ?		
DATA	PARTICIPANTE	ENTREVISTA
13/09/2017	Babi, 12 anos – P1	Não, porque, sei lá tipo, eu ainda tô aprendendo a não ter medo da bola, que eu tenho muito medo da bola, então não gosto de jogar no gol. Não, porque tipo dependendo do jogador, ele joga com força, então eu já tive muitas experiências de bolada no meu corpo, então eu tenho medo da bola.
13/09/2017	Mayssa, 13 anos – P1	Gosto, porque você pega mais agilidade e eu gosto de jogar no gol.
13/09/2017	Maik, 11 anos – P1	Não, porque eu gosto mais de atacar.
13/09/2017	Darly, 12 anos – P1	Gosto. É eu não sei, mas é legal. Eu gosto de defender a bola.
13/09/2017	Sedoykina, 11 anos – P1	Eu gosto, levando bolada, mas eu gosto. Ah sei lá, você defende. Você pode defender o gol.
16/09/2017	Hedvig, 16 anos – P2	Não, porque você leva muita bolada de menino.
16/09/2017	Tess Wester, 10 anos – P2	Sim, porque é legal. É mais fácil e eu acho legal.
16/09/2017	Bá, 10 anos – P2	Mais ou menos, porque eu tento pegar a bola e às vezes eu não consigo, aí eu tipo, o time adversário consegue marcar gol e eu falo que podia ter feito melhor. Também por causa do meu dedo e eu fiquei com um pouco de medo (da bola). Mas eu acho legal a gente aprender a segurar a bola, aprender mesmo.
16/09/2017	Thierry Omeyer, 15 anos – P2	Gosto. Acho que é mais fácil e você não cansa muito. E eu tenho problema de vista, então pra mim é melhor. Prefiro ficar no gol.
16/09/2017	Chana, 15 anos – P2	Não muito, porque não sou boa.
19/09/2017	Jacobsen, 14 anos – P3	Não muito, ah sei lá, eu gosto mais de jogar assim atacando. Mas se precisar defender, tudo bem.
19/09/2017	Andreas Wolff, 13 anos – P3	Sim, porque é legal você ser salvador de gols, proteger as traves. Você pode ajudar o time, eles atacam e você defende, daí você ajuda a ganhar os jogos.
19/09/2017	Moreschi, 12 anos – P3	Não, porque eu sou muito ruim. Medo de levar bolada também.
19/09/2017	Danijel Saric, 13 anos – P3	Às vezes, só quando precisa. Ah, sei lá, gosto mais de atacar.

19/09/2017	Jéssica Oliveira, 14 anos – P3	Não, porque não consigo agarrar a bola.
------------	--------------------------------	---

Com base nas respostas é possível constatar que os participantes Babi, Maik, Hedvig, Bá, Chana, Jacobsen, Moreschi, Danijel Saric e Jéssica Oliveira não gostam de vivenciar a função de goleiro de handebol.

Para Babi, Hedvig, Bá e Moreschi, as justificativas se centraram no medo de levar boladas quando assumem essa posição. A participante Babi declarou ainda que estava num processo de perder o medo da bola, pois teve algumas experiências nas quais os colegas arremessavam a bola com mais força. A participante Hedvig também declarou que o medo de levar boladas ocorria por conta dos arremessos dos meninos. Em relação a esse fato, é necessário que os professores ou treinadores estabeleçam ações pedagógicas que permitam os alunos reconhecerem e respeitarem as suas diferenças (BARROSO; DARIDO; BENTO, 2009), na medida em que os alunos mais habilidosos podem ajudar os menos habilidosos, assim como o uso do diálogo para orientar os meninos a realizarem os arremessos com menos força e mais precisão. É muito comum, principalmente na iniciação esportiva, o medo dos alunos em levar “boladas” quando assumem o papel de goleiro, para Greco e Benda (2002) a falta de experiência é que pode ocasionar esse medo da bola quando arremessada ao gol. Greco, Neves e Matias (2002, p. 57) afirmam que o “[...] medo da bola é um dos componentes que dificilmente podem ser superados através do treinamento”. Para Miranda (2002), os medos dos iniciantes devem ser tratados de forma natural pelos professores e ou treinadores, o autor ainda ressalta a necessidade de colocar algumas medidas em práticas para que a compreensão do medo seja absorvida pelo goleiro de maneira gradual.

Procure utilizar um tipo de material esportivo que lhe dê mais segurança, conforto e satisfação em jogar. Observe quais os mecanismos de proteção que goleiros de alta performance utilizam e procure usá-los também (MIRANDA, R. 2002, p. 189).

Os participantes Maik e Jacobsen assumiram não gostar de jogar como goleiros, devido ao maior interesse em atuar como jogadores de linha e com isso a oportunidade de atacar. Daniel Saric afirmou que gostava de jogar como goleiro somente em situações que necessitavam, uma vez que ele preferia jogar como atacante. Greco e Benda (2002) confirmam que existe pouca motivação no handebol para jogar como goleiro, por se tratar de uma ação defensiva e as crianças gostarem mais de “fazer gols”. No início pode até surgir

uma atração momentânea em assumir a posição em determinadas situações, como por exemplo, em cobranças de sete metros ou substituindo o colega quando toma o gol. De acordo com Santos (2003) o prazer durante as fases iniciais de aprendizagem são fundamentais na permanência dos alunos com a prática esportiva. Miranda (2002) sugere que uma boa estratégia para proporcionar a motivação na performance de goleiro é estabelecer diversos desafios através de atividades variadas, pois realizar sempre os mesmos exercícios ou procedimentos pode gerar o tédio e a desmotivação dos alunos.

As participantes Chana e Jéssica Oliveira declararam que não eram boas nessa posição, logo não conseguiam executar as defesas quando assumiam o papel de goleiras. Moreschi também alegou não gostar de jogar como goleira, pelo fato de não ser boa nessa função. Entre os aspectos negativos citados por Bá, está a cobrança sobre si mesma quando não consegue defender. Essa cobrança pode acabar desenvolvendo o medo de falhar e, de acordo com Loffredo e Greco (2002), as falhas do goleiro são irreparáveis, pois a diferença dele com os demais jogadores é que ele não pode se permitir ao erro, pois será punido com o gol. Para Miranda (2002), o medo de fracassar do goleiro de handebol pode ainda ser maior do que o medo de se lesionar. Portanto, o professor ou treinador necessita promover um ambiente favorável e evitar o menosprezo ao goleiro, pois isso pode ocasionar a insegurança e como consequência o medo gradual.

Para que a responsabilidade de fazer bem feito não alimente o medo, é oportuno que o goleiro considere que, diante uma situação qualquer, é melhor pensar em como realizar bem a tarefa em vez de pensar no objetivo ou consequências futuras (MIRANDA, 2002, p. 190).

Segundo Greco e Benda (2002), entre os fatores que podem interferir na formação de goleiros de handebol e proporcionar uma sensação de impotência das crianças quando assumem essa posição, está o fato de que as traves nem sempre possuem uma dimensão apropriada para esses iniciantes, e conseqüentemente isso pode refletir no sentimento de incapacidade em realizar as defesas. Santos (2003) descreve que as balizas utilizadas para o mini-handebol, estratégia utilizada na iniciação esportiva, devem medir 2, 40 m de largura por 1, 60 m de altura, evidenciando uma das possibilidades para adaptação e intervenção na prática esportiva. De acordo com Miranda (2002), é necessário tirar lições de cada erro para poder compreender os motivos do fracasso e assim poder seguir em frente.

Pela resposta da participante Jéssica Oliveira, sobre a sua dificuldade de agarrar a bola, é possível identificar um dos principais equívocos em relação a posição de goleiro no

handebol. Conforme apresentando por Greco e Benda (2002, p. 29) o iniciante “[...] não diferencia as ações do goleiro de handebol do goleiro de futebol ou do futsal”, sendo que no handebol o goleiro realiza movimentos e técnicas de defesas com a finalidade de rebater a bola e não agarra-la.

Os participantes Mayssa, Darly, Sedoykina, Tess Wester, Thierry Omeyer e Andreas Wolff declararam que gostavam de jogar como goleiros de handebol. Sendo que Mayssa, Darlye Sedoykina assumiram gostar de realizar defesas. A participante Mayssa ressaltou ainda sobre a possibilidade de desenvolver a agilidade quando jogava no gol. Para Loffredo e Greco (2002), a agilidade é um dos itens fundamentais que precisa ser pensado durante o processo de treinamento de base do goleiro de handebol. Já Sedoykina relatou que mesmo levando boladas admitiu gostar de jogar como goleira, como abordado por Miranda (2002), apesar da contusão poder acontecer, ela não é uma regra do goleiro.

Por sua vez, os participantes Tess Wester e Thierry Omeyer relataram que gostavam de jogar como goleiros devido a sua maior facilidade. Isso pode referir-se a idéia enganada que o goleiro de handebol tem como simples e único objetivo impedir a realização do gol adversário e não abrange a complexidade dessa posição. Para Greco e Benda (2002), os iniciantes podem procurar jogar como goleiros por enxergarem essa posição como mais tranquila e imóvel, isso foi relatado pelo participante Thierry Omeyer sobre a preferência de jogar no gol pelo fato de não cansar muito.

Para Andreas Wolff, a partir da atuação como goleiro de handebol, é possível contribuir com o desempenho da equipe, por isso ele afirmou gostar de defender o gol e ajudar o próprio time. A atuação do goleiro de handebol é responsável por grande parte do sucesso da sua equipe, devido ao seu posicionamento do goleiro e a sua visão de jogo, ele consegue cooperar com seus companheiros fornecendo orientações táticas tanto para as ações defensivas quanto para as ações ofensivas (THIENGO; VITÓRIO, FERREIRA, 2006).

Ao fazermos um comparativo entre as falas dos entrevistados é possível identificar que Darly, Sedokyna, Tess Wester e Thierry Omeyer apenas tiveram a vivência como goleiros no projeto de handebol e afirmaram gostar de jogar nessa posição. Já Babi, Bá, Chana, Moreschi e Jéssica Oliveira que do mesmo modo somente tiveram a vivência como goleiras através do projeto de handebol, declararam não gostar de jogar nessa função. Tais resultados evidenciam a importância de se compreender quais são os motivos que levam os alunos a gostarem ou não de assumirem o papel de goleiro e com isso os professores e treinadores planejarem aulas que atendam tais necessidades e intenções. Cumpre ressaltar que o objetivo da iniciação esportiva não é oferecer a especialização em determinadas posições dentro de uma modalidade, mas

sim utilizar o esporte em sua totalidade para permitir o maior desenvolvimento desses iniciantes.

Os principais motivos que os alunos apresentaram por não gostarem de vivenciar o papel de goleiro foram: o medo de levar bolada, o medo de errar e a preferência em jogar como atacantes. Em relação ao medo de levar boladas e ao medo de errar, o professor ou treinador pode adaptar materiais e espaços para facilitar a atuação do iniciante como goleiro, como por exemplo, a utilização de bolas de borrachas (ou de outros materiais mais macios) e a diminuição dos tamanhos das balizas através da demarcação com cones, para assim incentivar a participação e a realização das defesas.

Quanto à preferência em “realizar gols” é importante que o professor também destaque a importância do goleiro de handebol dentro de uma equipe e o quanto pode ser recompensador “defender o gol”. Uma estratégia é a realização de aulas expositivas com vídeos de defesas e técnicas de goleiros para encorajar e entusiasmar os iniciantes quando experimentam essa função.

O quadro 5 apresenta as respostas sobre o seguinte questionamento “Na sua opinião o que o goleiro de handebol precisa saber ou fazer para jogar bem?”. Logo, é possível identificar quais foram os saberes apresentados pelos alunos com base em suas vivências e experiências como goleiros de handebol.

Quadro 5 - Pergunta: Na sua opinião o que o goleiro de handebol precisa saber ou fazer para jogar bem?

NA SUA OPINIÃO QUE O GOLEIRO DE HANDEBOL PRECISA SABER OU FAZER PARA JOGAR BEM?		
DATA	PARTICIPANTE	ENTREVISTA
13/09/2017	Babi, 12 anos – P1	Ah eu acho que ele deve fazer muitos exercícios sabe assim, tipo praticar bem, ter bastante, pra mim assim ele tem que ter estratégia bastante, e bastante assim é atenção, porque tem goleiro que não tem muita atenção, pra mim ele tem que ter bastante.
13/09/2017	Mayssa, 13 anos – P1	Precisa não ter medo da bola e saber defender a bola.

13/09/2017	Maik, 11 anos – P1	Ele precisa de atenção e precisa saber a onde a bola vai vir do arremesso.
13/09/2017	Darly, 12 anos – P1	Ele precisa treinar bastante, treinar sobre o goleiro e defender. Ah, não sei.
13/09/2017	Sedoykina, 11 anos – P1	Na defesa ele pode jogar a bola para cima, ou com o joelho e com o pé. Para jogar handebol você não pode chutar a bola você tem que ir com a mão.
16/09/2017	Hedvig, 16 anos – P2	Ah precisa olhar bem o jogo, onde ta a bola também, não sei mais o que responder.
16/09/2017	Tess Wester, 10 anos – P2	Acho que saber que ele não pode temer a bola.
16/09/2017	Bá, 10 anos – P2	Ele precisa saber segurar a bola, ele precisa saber pra que lado a pessoa vai tacar, porque às vezes eu me confundo toda e saber que ele não pode passar da linha do goleiro.
16/09/2017	Thierry Omeyer, 15 anos – P2	Ele tem que saber várias técnicas, porque no handebol é difícil você pegar a bola no gol porque é com a mão, no futebol não é tão difícil, porque aí eles chutam bem de longe, bem forte e bem de longe, daí é bem mais fácil pegar, já no handebol tem que ter noção pra pegar na bola.
16/09/2017	Chana, 15 anos – P2	A ele tem que saber jogar handebol, saber das regras pra poder pegar bem no gol.
19/09/2017	Jacobsen, 14 anos – P3	Acho que tem que ter atenção e agilidade. Prestar bastante atenção, olhar bem para o jogo para ver onde está a bola.
19/09/2017	Andreas Wolff, 13 anos – P3	Trabalhar como equipe, olhar o jogo, olhar a bola, olhar o adversário, falar para o time onde eles têm que marcar, pode sair pra pegar a bola, ajudar quando estiver marcado.
19/09/2017	Moreschi, 12 anos – P3	Prestar mais atenção, só.
19/09/2017	Danijel Saric, 13 anos – P3	Tem que ter atenção e ficar bem sincronizado com o time. Ter atenção quando o time adversário ataca, pra poder defender. E sincronizado, olhando o time quando está atacando e defendendo.
19/09/2017	Jéssica Oliveira, 14 anos – P3	Saber defender e não deixar a bola entrar, porque se você for no gol e não conseguir agarrar muito a bola você vai perder e não vai ajudar o time. Saber jogar a bola alto pra outra pessoa poder agarrar e acho que só.

Os participantes Babi, Maik, Hedvig, Bá, Jacobsen, Andreas Wolff, Moreschi e Danijel Saric abordaram sobre a necessidade da atenção e de estratégias para uma boa atuação do goleiro de handebol. Hedvig e Jacobsen declararam que o goleiro tem que ter muita atenção e precisa olhar para o jogo para ver onde está a bola. Os participantes Andreas Wolff e Danijel Saric acrescentaram que também é necessário olhar para o adversário. Como apresentado por Benda, Xavier e Martini (2002, p.183) “[...] o goleiro de handebol precisa

focalizar principalmente a bola, buscando retirar dicas nos movimentos do atacante com a bola e nos deslocamentos dos adversários de uma forma geral”. Loffredo e Greco (2002, p. 35) ressaltam ainda que o goleiro deve ter “[...] a visão global de jogo, a atenção múltipla, através da observação da bola, movimentação dos atacantes e dos próprios companheiros”. Os mesmos autores ainda ressaltam que a capacidade de concentração do goleiro para acompanhar o jogo e estabelecer suas respostas de forma rápida acontece durante todo o tempo nas partidas de handebol. De acordo com Miranda (2002) durante toda a sessão de treino, o goleiro precisa manter a atenção somente nas tarefas que está realizando para que fatores como barulhos, a preocupação excessiva em realizar a tarefa de maneira certa ou a frustração de uma falha realizada anteriormente não influenciem negativamente no seu desempenho.

Para os participantes Maik e Bá, os goleiros precisariam saber para onde a bola vai na hora do arremesso adversário. Loffredo e Greco (2002) afirmam que durante a posição de ação, ou seja, a posição que o goleiro assume durante o arremesso adversário, sua atenção deve estar voltada para o atacante com a posse de bola e a trajetória da mesma. Greco, Neves e Matias (2002, p. 58) reforçam que “[...] um goleiro deve aprender a ‘ler’ a ver os ‘sinais relevantes’ de forma consciente e objetiva, considerando os fatores: direção da corrida do atacante, posição do tronco do lançador, local de lançamento e/ou do salto e tipo de movimento do braço”. Para Benda, Xavier e Martini (2002) o goleiro de handebol também precisa:

Observar o posicionamento do cotovelo, do ângulo do braço, do punho, bem como o movimento global realizado pelo adversário (...). Assim, observar tanto o movimento do corpo em relação a trajetória da corrida, do braço, quanto o seu posicionamento, considerando sempre a posição de linha defensiva, pode facilitar a reação do goleiro, aumentando as possibilidades de sucesso (BENDA; XAVIER; MARTINI, 2002, p. 186).

Para as participantes Mayssa e Tess Wester o goleiro de handebol não pode ter medo da bola. Segundo Miranda (2002), é senso comum considerar que todo goleiro é corajoso e, como consequência, presumir que são jogadores que não tem medo. No entanto, o autor afirma que para existir a coragem é necessário que exista o medo, cabendo ao professor ou treinador oferecer orientações, treinamentos e intervenções para que esse medo seja um estado natural e não um fator que domine o goleiro, de modo que ele possa agir e desenvolver a sua

coragem. Miranda (2002) declara ainda que o treinamento de táticas específicas e das qualidades físicas como força, flexibilidade, agilidade e velocidade de reação e deslocamento permite que o goleiro gerencie e controle o seu medo.

Para o participante Jacobsen, além de atenção, o goleiro também teria que ter agilidade. Conforme apresentado por Paolucci, Lopes e Greco (2002) o treinador deve propor atividades durante as sessões de treino que desenvolvam a agilidade e também as capacidades referentes à flexibilidade, coordenação, resistência muscular localizada, potência muscular e também exercícios que envolvam curta duração e alta intensidade para saltos e deslocamentos.

Para as participantes Babi e Darly, o goleiro precisaria praticar exercícios, treinar bastante e de forma específica, no entanto não responderam como seria um treino voltado para essa posição. Greco, Neves e Matias (2002) apresentam algumas propostas para estruturar o treinamento do goleiro: treinamento individual, treinamento em circuito e estações, treinamento com a equipe e também o treino em um dia específico para os goleiros de todas as categorias.

Thierry Omeyer relatou sobre a necessidade do goleiro de handebol saber várias técnicas de defesas, porque, segundo ele: é mais difícil defender a bola no handebol quando comparado com o futebol. Como apresentado por Greco, Filho e Júnior (2002, p. 217) o goleiro de handebol busca reduzir a área de visão do adversário, no qual acaba se projetando para próximo dele no momento certo e executando defesas com saltos através da técnica de “X” ou “sidekick” ou levantando uma perna na posição “Y”. Os goleiros ainda realizam defesas de bola com trajetória alta, de média altura, de bola baixa, de bola quicada e de curta e longa distância. Sedoykina sinalizou que o goleiro de handebol pode realizar as defesas com os joelhos e com os pés, ao contrário do jogador de linha. Como indicado pelo regulamento o goleiro pode realizar defesas com as pernas, joelhos, coxas e tronco (LOFFREDO; GRECO, 2002; EHRET ET AL., 2002).

As participantes Chana e Bá alegaram que os goleiros necessitariam saber das regras, porém Bá exemplificou que o goleiro não poderia ultrapassar a linha dos seis metros, o que é um exemplo equivocado, pois isso vai depender da condição em que ele realiza essa ação. O goleiro não pode ultrapassar a linha dos seis metros somente quando está com a posse de bola, caso contrário, ele pode sair e assumir a função de goleiro linha. Como foi exemplificado pelo participante Andreas Wolff, o goleiro pode sair pra recepcionar a bola e ajudar a equipe quando estiverem em marcação. Já a participante Chana declarou que o goleiro necessitaria

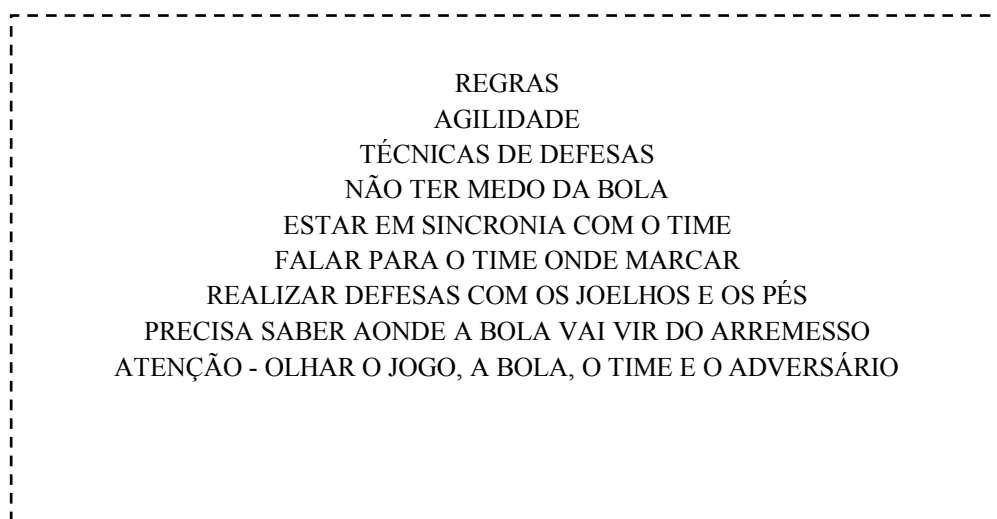
saber jogar handebol, como já pontuado por Kasler (1978) o goleiro não pode se limitar a sua atuação dentro da área, ele também deve procurar ser jogador de linha.

Para o goleiro atuar como um jogador de quadra, ele deverá sair de sua área sem a bola e sem ter sido o último a tocar na bola de dentro da área (execução do tiro de meta), ou seja, se ele efetuou uma defesa e tem a posse de bola, deverá passá-la a um companheiro, sair da área e lá fora ser um jogador de linha com os mesmos direitos que os outros e sujeito às mesmas regras que os jogadores de quadra (SILVA, 2002, p. 207).

Andreas Wolff afirmou que o goleiro tem que jogar como equipe, assim como o participante Danijel Saric, ao dizer que o goleiro teria que estar sincronizado com o time, observando a própria equipe quando está em situação ofensiva e defensiva. O participante Andreas Wolff alegou que o goleiro precisaria conversar com o time para organizar a defesa. Loffredo e Greco (2002) declaram que o goleiro age coordenando e contribuindo com a equipe, de modo a orientar e organizar os seus companheiros em relação ao posicionamento na defesa e ao bloqueio defensivo.

Com base nos depoimentos dos alunos entrevistados é possível identificar alguns dos saberes que se fazem necessário para o melhor desempenho do goleiro de handebol (Figura 3).

Figura 3 - Saberes do goleiro de handebol com base do olhar de iniciantes



A partir da opinião dos participantes do estudo, o goleiro de handebol precisa de atenção e olhar o jogo em sua totalidade, ou seja, olhar a bola, a própria equipe e também os

adversários. O goleiro pode tocar a bola com os joelhos e pés para realizar defesas (ao contrário do jogador de linha) e necessita saber aonde a bola irá através dos arremessos (leitura do braço do adversário). O goleiro não pode ter medo da bola e precisa conhecer as técnicas de defesas. Ele precisa estar em sincronia com sua equipe e conversar com seus companheiros para organizar a defesa e ainda, o goleiro precisa ter agilidade e saber das regras de handebol.

A seguir serão apresentados os resultados das observações dos jogos reduzidos de handebol realizados através de filmagens. Para a realização das análises os alunos foram divididos em três categorias, de acordo com o tempo que participavam do projeto de extensão “Ensinando e Aprendendo Handebol”. A categoria “A” abrangeu os alunos que participavam do projeto a menos de 1 ano, a categoria “B” é referente aos alunos que participavam do projeto entre 1 a 2 anos e a categoria “C” corresponde aos alunos que participavam a mais de 2 anos do projeto. Essa divisão foi realizada devido a possibilidade do tempo de participação do projeto influenciar no comportamento dos alunos quando assumiam o papel de goleiro de handebol.

Quadro 6 - Observação dos Jogos Reduzidos

OBSERVAÇÃO DOS JOGOS REDUZIDOS								
Alunos (Categ.)	Assume posição de alerta/ prontidão	Posiciona-se entre as balizas e a frente da linha do gol	Acompanha a trajetória da bola	Defesas com todos os membros do corpo	Explora a área do goleiro	Comunica-se com os companheiros de equipe	Observa a própria equipe quando ataca	Olha para o gol adversário quando pega a bola
Maik (B)	O	O	O	X	X	X	O	X
Sedoykina (A)	O	O	X	X	X	X	O	X
Mayssa (A)	O	O	X	X	X	X	O	X
Babi (A)	X	O	X	O	X	X	O	X
Darly (A)	X	O	X	X	X	X	O	X
Hedvig (C)	O	O	O	X	O	X	O	X
Bá (A)	X	O	O	X	X	X	O	X

Tess Wester (A)	X	O	X	X	X	X	O	X
Chana (C)	O	O	O	O	X	X	O	X
Thierry Omeyer (C)	O	O	O	O	X	X	O	O
Andreas Wolff (B)	O	O	O	O	X	O	O	X
Moreschi (A)	X	O	X	X	X	X	O	X
Jéssica Oliveira (A)	X	O	O	X	X	X	O	X
Jacobsen (A)	O	O	O	O	X	O	O	O
Danijel Saric (B)	O	O	O	X	X	X	O	X

O = ações realizadas X= ações não realizadas

É possível verificar que todos os alunos se posicionaram de forma adequada entre as balizas e a frente da linha do gol. Sendo que para Loffredo e Greco (2002) a posição básica do goleiro consiste em permanecer ao centro do gol e um pouco adiantado da linha do gol, com a cabeça erguida e com total controle do campo visual da bola. As mãos devem se manter abertas direcionadas para o objetivo (defender a bola). Todos os participantes também observaram a própria equipe quando estavam em situação ofensiva, Thiengo, Vítório e Ferreira (2006) declaram que o goleiro, a partir da sua visão de jogo, concede orientações táticas a sua equipe também quando estão atacando.

Os participantes Maik, Sedoykina, Mayssa, Hedvig, Chana, Thierry Omeyer, Andreas Wolff, Jacobsen e Danijel Saric realizaram a posição de alerta e prontidão quando assumiram o papel de goleiro, sendo que tais participantes são pertencentes às três categorias (A, B e C). No entanto, todos os participantes que não realizaram a ação pertencem a categoria A, revelando que os alunos que tem menor tempo de contato com o handebol apresentaram maiores dificuldades. Segundo Menzel (2002), através de um bom posicionamento, o goleiro consegue minimizar a possibilidade do gol adversário. Para Loffredo e Greco (2002) a posição para ação:

É a posição assumida pelo goleiro em relação ao lançamento. É o lugar que o goleiro ocupa em cada momento, devendo estar

situado no eixo entre a bola e o gol. Sua atenção e concentração deve estar voltada para o atacante de posse de bola e a circulação da mesma (LOFFREDO; GRECO, 2002, p.37).

Todos os participantes que não acompanharam a trajetória da bola durante os arremessos também eram pertencentes a categoria A. Ou seja, os alunos que estão há menos tempo no projeto de extensão foram os que apresentaram conduta relativa ao medo da bola, não a acompanhando ou até mesmo desviando da mesma durante os arremessos ao gol. Para Miranda (2002), é necessário descobrir a fonte causadora do medo e colocar em prática algumas medidas para que a compreensão do medo e da coragem pelo goleiro seja absorvida de maneira gradual e concreta. Como por exemplo, a utilização de materiais que forneçam maior segurança e também o aprendizado das mais variadas técnicas de defesas nas mais diversas situações de jogo.

Com base nas observações realizadas pelas filmagens, cada participante assumiu o papel de goleiro durante dois minutos. Sendo assim, houve episódios em que não ocorreram arremessos em diferentes planos (alto, médio e baixo) durante o jogo e, com isso, alguns alunos não tiveram que realizar defesas de bolas baixas. Logo, não é possível afirmar com exatidão sobre o quesito “defesas com todos os membros do corpo” devido à falta de ocorrências durante o jogo para realizar tais defesas com todos os membros. Entretanto, foi possível observar que a maioria dos participantes teve como objetivo “agarrar” as bolas arremessadas, não sendo isso adequado para o sucesso do goleiro de handebol. Conforme Loffredo e Greco (2002, p. 37), o goleiro não deve “[...] nunca segurar a bola, sempre que possível utilizar as duas mãos nos movimentos, assegurando o sucesso e a continuidade das ações”. Os autores ainda afirmam que as defesas devem ser realizadas apenas com o objetivo de desviar a bola do gol. Os participantes Babi, Chana, Thierry Omeyer, Andreas Wolf e Jacobsen realizaram tanto defesas com as mãos (bolas altas e médias) quanto com as pernas (bolas baixas).

Apenas a participante Hedvig apresentou ações referentes a “explorar a área do goleiro” realizando defesas, rebatendo a bola para frente e em seguida recuperando-a rapidamente. Loffredo e Greco (2002) afirmam que em nenhum momento o goleiro deve segurar a bola em suas defesas, pois ela deve ser rebatida na área podendo ser recuperada, ou ainda rebatida por cima da linha do gol, para evitar o gol e também a recuperação da bola pela equipe adversária. Os autores ainda ressaltam que o goleiro de handebol precisa aproveitar as vantagens da posição, como por exemplo, a sua área exclusiva de atuação.

Com base nas respostas em relação a pergunta “Na sua opinião o que o goleiro de handebol precisa saber ou fazer para jogar bem?” foi possível evidenciar a ideia equivocada de alguns participantes sobre a necessidade do goleiro de handebol agarrar a bola. Como mencionado por Bá, Jéssica Oliveira e Thierry Omeyer que utilizam os termos segurar, agarrar e pegar a bola na atuação de um bom goleiro de handebol.

Logo, é possível enfatizar que os professores ou treinadores necessitam oferecer aos alunos situações no qual reconheçam as possibilidades do goleiro de handebol, apresentando questionamentos sobre: É melhor tentar agarrar a bola ou procurar rebatê-la para fora ou para frente? Quem são os jogadores que podem atuar dentro da área? Quais são os recursos que facilitam a ação do goleiro de handebol? Miranda (2002) afirma a necessidade do goleiro perceber o porquê da realização dos exercícios que estão sendo propostos em treinos e que o diálogo do professor ou treinador auxilia nesse processo. Santos (2003, p. 67) conclui que “[...] um jogador inteligente só pode ser resultado de um treino inteligente”.

Leonardo (2007), em sua experiência como treinador, percebeu a necessidade de proporcionar a reflexão ao ministrar treino para duas goleiras, sinalizando para a diferença de atuação nessa posição entre as modalidades de handebol e futsal. A partir de uma discussão em que ele foi o mediador, elas identificaram estratégias que poderiam ser utilizadas como, por exemplo, o fato de ter uma área exclusiva para defender a bola, podendo rebatê-la para a linha de fundo que não seria marcado escanteio para o adversário, mas sim o tiro de meta para a própria equipe. O goleiro de handebol tem também a possibilidade de rebater a bola para sua área, seguida de uma rápida recuperação do seu domínio. Leonardo (2007) afirma que, a partir da compreensão de suas alunas, foi possível observar que elas passaram a utilizar todo o corpo para realizar as defesas e não somente as mãos, como também foram desenvolvendo a técnica de abafar a bola em direção ao chão. Leonardo (2007) destaca que o processo de aprendizagem poderia ser mais rápido se simplesmente fosse dado o comando para as alunas abafarem a bola, no entanto, o aprendizado somente será concretizado a partir da compreensão de que o gesto de “não agarrar” a bola acontece devido às características próprias do goleiro de handebol, pois a ocupação da área permite atuar dessa maneira.

Apenas os participantes Andreas Wolff e Jacobsen se comunicaram com a equipe durante os jogos, sendo que para Greco, Neves e Matias (2002) um aspecto de grande importância, que está relacionado com o desempenho do goleiro, é a sua personalidade, fornecendo orientações e motivação para os seus colegas que estão na defesa.

Somente os participantes Thierry Omeyer e Jacobsen olharam para o gol adversário quando pegavam a bola. De acordo com Greco, Neves e Matias (2002), existem algumas

ações táticas que os goleiros podem realizar e que dependem de diferentes situações de jogo, como por exemplo, o arremesso direto ao gol quando o goleiro adversário está antecipado. Para Greco, Filho e Júnior (2002), quando o goleiro realiza uma defesa, ele precisa se recuperar de forma rápida para colocar a bola em jogo novamente, podendo criar situações de contra-ataque para sua equipe. Deste modo, deve ser destacada a necessidade dos alunos compreenderem que quando assumem o papel de goleiro e recuperam a posse de bola, mesmo sendo uma posição defensiva, o goleiro pode oferecer “perigo” para equipe adversária.

Tendo em conta as observações dos jogos reduzidos, foi possível identificar as maiores facilidades e dificuldades dos alunos nas ações de goleiro de handebol. Todos os participantes se posicionaram de maneira adequada entre as balizas e mantiveram a atenção sobre o próprio time quando estavam atacando. Os alunos que frequentavam o projeto há menos tempo foram os que apresentaram dificuldades em relação ao acompanhamento da trajetória da bola e em assumir uma posição de alerta e prontidão diante do arremesso adversário. Em relação à ação de defender a bola com todos os membros do corpo, foi possível observar que a maioria dos alunos tentaram agarrar a bola quando arremessada ao gol, refletindo no resultado que apontou apenas uma das participantes na realização sobre a ação de explorar a área do goleiro. Foi possível constatar também a deficiência dos alunos em relação à comunicação com os companheiros de equipe e o olhar para o gol adversário quando estavam com a posse de bola. Baseado em tais resultados, os professores ou treinadores podem planejar atividades objetivando o desenvolvimento das ações que se mostraram frágeis entre os alunos e desse modo, oferecer orientações e incentivos adequados para um bom desempenho desses iniciantes quando assumirem o papel de goleiro de handebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O handebol é uma modalidade esportiva que permite a vivência dos iniciantes nas mais diversas situações e funções. Entre elas, está a posição do goleiro que muitas vezes acabam sendo deixada de lado no planejamento das aulas ou treinos. No entanto, o goleiro de handebol é uma personagem muito importante dentro de uma equipe e por isso torna-se fundamental o professor ou treinador elaborar atividades que estabeleçam o contato do aluno com essa posição.

A iniciação esportiva não tem como foco a especialização de posições, ao contrário disso, tem como objetivo oportunizar o direito à todas as pessoas sobre as mais variadas possibilidades dentro de uma modalidade esportiva. Contudo, é necessária atenção durante esse processo, porque permitir que o iniciante assuma o papel de goleiro não é o mesmo que permitir a sua compreensão sobre a posição. Por isso, é necessário que o profissional envolvido no ensino do esporte utilize estratégias e ações pedagógicas que favoreçam na vivência do aprendiz com o esporte (APÊNDICE A). Compreender suas limitações ou motivações, adaptação dos materiais ou espaços, o diálogo ou incentivo são aspectos que se fazem necessários, por exemplo, para encorajar o iniciante a vivenciar o papel de goleiro de handebol.

Conhecer o aluno é um dos principais fatores que deve ser considerados para o planejamento das aulas. Com base nas respostas dos participantes do estudo foi possível identificar muitos dos saberes encontrados na literatura sobre a atuação do goleiro: atenção durante o jogo, na bola, no adversário e na própria equipe; utilização de todos os membros do corpo para realização da defesa; leitura do adversário durante o arremesso (saber aonde a bola vai após o arremesso); não ter medo da bola; utilização de técnicas de defesas; sincronia e comunicação com a própria equipe; agilidade e o conhecimento sobre as regras.

Entre os fatores específicos que os alunos abordaram sobre o goleiro de handebol, apareceram as técnicas de defesas e também a necessidade do goleiro compreender as regras do esporte. Tais aspectos foram comentados por poucos participantes e de maneira superficial, sendo este, o reflexo de umas das principais limitações do estudo, pois tivemos dificuldades em mediar as entrevistas, não havendo o aprofundamento das respostas dos participantes devido ao nosso receio em interferir no pensamento dos alunos e também pela insegurança dos próprios alunos em responder. Acreditamos que, por este fato, as respostas se deram de forma simples e direta, não sendo possível determinar com profundidade o nível de

conhecimento dos participantes em relação aos aspectos próprios do goleiro de handebol, mas é necessário registrar que alguns dos alunos relataram não saber dar continuidade as respostas.

De acordo com os resultados obtidos pelas entrevistas, assim como pelas observações dos jogos reduzidos, é possível concluir que as principais dificuldades dos participantes do estudo estão relacionadas com as características específicas do goleiro de handebol, não manifestando as diversas possibilidades que existem na sua atuação. Como por exemplo, a ausência de ações para explorar a área dos 6 metros que é uma região exclusiva do goleiro e com isso recuperar a posse de bola após a realização de uma defesa ou mesmo sobre utilizar as defesas com o intuito de direcionar a bola para a linha de fundo para evitar o gol ou a posse de bola da equipe adversária. E mais, através das observações, foi possível verificar que os alunos que estavam há menos tempo no projeto de extensão apresentaram maiores dificuldades para assumir uma posição de alerta e para acompanhar a trajetória da bola, que por sua vez pode ser gerado devido a presença do medo quando estavam no gol.

Portanto, é fundamental que os professores ou treinadores que atuam com o ensino do handebol na iniciação esportiva permitam a vivência de seus alunos no papel de goleiro, e para isso é necessário oferecer atividades que enfatizem o conhecimento tático sobre o técnico, pois os alunos precisam se reconhecer quando jogam no gol, compreendendo o porquê da realização dos movimentos, gestos, defesas ou das regras. Ou seja, nesse primeiro contato do sujeito com esporte é interessante que o “olhar como goleiro” seja desenvolvido de maneira prévia ao “jogar como goleiro”.

Foi muito gratificante poder realizar essa pesquisa, cujo tema sempre esteve presente em minha vida. E quem sabe, poder contribuir com a literatura sobre a pedagogia do esporte, evidenciando a importância do papel do goleiro de handebol na iniciação esportiva. Uma temática que necessita de maiores estudos e aprofundamentos.

REFERÊNCIAS

- BALBINO, H. F. et al. **Pedagogia do Esporte: Significações da Iniciação Esportiva e da Competição**. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do Esporte: Aspectos Conceituais da Competição e Estudos Aplicados**. São Paulo: Phorte Editora, 2013. p. 41-68.
- BARBANTI, V. J. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 2, p. 54-58, 2006.
- BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C.; BENTO, J. O. **Da pedagogia do desporto**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.
- BENDA, R. N.; XAVIER, A. J. M.; MARTINI, C. O. P. Treinamento de velocidade: um bom goleiro reage rapidamente. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 177-186.
- BOLONHINI, S. Z.; PAES, R. R. A proposta pedagógica do Teaching Game for Understanding: Reflexões sobre a Iniciação Esportiva. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 2, mai. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feef/article/view/5694/4784>>. Acesso em 09 de outubro de 2017.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários**. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CHAGAS, M. G. Teoria do treinamento da flexibilidade (não só) para o goleiro de handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 113-122.
- DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 9-16, mar. 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feef/article/view/1794/3338>>. Acesso em: 09 de outubro de 2017.
- DARIDO, S. C.; GALVÃO, Z. Temas transversais e programas de iniciação esportiva: possibilidades pedagógicas. In: **PROGRAMA SESI atleta do futuro: perspectiva da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva**. São Paulo: SESI, 2006. p. 37-52.
- DE ROSE JR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. J. **Os grandes jogos: metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1984.
- EHRET, A. et al. **MANUAL DO HANDEBOL: Treinamento de base para crianças e adolescentes**. São Paulo: Phorte, 2002.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDEBOL, **Regras do jogo**. Edição 1º de julho de 2010, disponibilizado pela Confederação Brasileira de Handebol. Disponível em: <<http://www.brasilhandebol.com.br/index.asp>>. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

FERRAZ, O. L. O Esporte, a Criança e o Adolescente: Consensos e Divergências. In: DE ROSE JR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 45-59.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do Esporte: O livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos**. 2006. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, J. M. S. et al. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GONZÁLEZ, F. J.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. **PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Esportes de invasão**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.

GONZÁLEZ, F. J.; BORGES, R. M.; IMPOLCETTO, F. M. HANDEBOL. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. de. **PRÁTICAS CORPORAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Esportes de invasão**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014, p. 219-276.

GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002.

GRECO, P. J.; NEVES, L. A. R. S. das; MATIAS, C. J. A. da S. Evolução Técnico-Tática do Rendimento do Goleiro de Handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 53-70.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N.; O sistema de formação e treinamento esportivo do goleiro de handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 21-32.

GRECO, P. J.; FILHO, E. F.; JÚNIOR, T. F. de O. Programa de treinamento: iniciação do contra-ataque. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 229-234.

KASLER, H. Handebol: **Do Aprendizado ao Jogo Disputado**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/a, 1978.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 61-71.

LEONARDO, L. Iniciação ao Goleiro de Handebol – **Compreendendo o que é ser goleiro**, 2007. Disponível em: <<https://pedagogiadohandebol.com.br/2007/12/28/iniciacao-ao-goleiro-de-handebol-compreendendo-o-que-e-ser-goleiro/>>. Acesso em: 31 de outubro de 2017.

LOFFREDO, M.; GRECO, P. J. Capacidade técnica: posições básicas de defesa da bola. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 33-46.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANZINI, E. J. **Entrevista: definição e classificação**. Marília: Unesp, 2004.

MELHEM, A. **Brincando e Aprendendo Handebol**. 2º edição. Rio de Janeiro - Editora Sprint, 2002.

MENZEL, H. J. Aspectos Biomecânicos da técnica do goleiro de handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 71-76.

MIRANDA, R. O medo, a coragem e a motivação no treinamento do goleiro de handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 187-202.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Digital EFDesporte**. Buenos Aires, ano 10, n. 71, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.efdesportes.com>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2017.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. In: DE ROSE JR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2015.

PAOLUCCI, A.; LOPES, R. P.; GRECO, P. J. Aspectos fisiológicos do treinamento esportivo (não só) para o goleiro de handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 77-88.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. R. A Iniciação Esportiva e a Especialização Precoce à Luz da Teoria da Complexidade - Notas Introdutórias. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 1-8, jan./jul. 2008.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; **Pedagogia do Esporte: Jogos Coletivos de Invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. **Pedagogia do Esporte: Conceito e Cenário Contemporâneo**. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do Esporte: Aspectos Conceituais da Competição e Estudos Aplicados**. São Paulo: Phorte Editora, 2013. p. 19-33.

REYNA, C. P. Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros. **Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação**, 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em: 20 de outubro de 2017.

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**. Araxá: MG, mai. 2008, p. 129-148.

RODENBUSCH, C. B. **Ações pedagógicas voltadas a estimulação da inteligência corporal cinestésica e as habilidades motoras de adultos médios e tardios**. 2009. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SALLES, J. G. do C. et al. O goleiro de handebol – da iniciação ao treinamento – o que se tem feito? **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Viçosa, v. 81, n.1, p.163-170, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.editorafontoura.com.br/periodico/vol-8/Vol8n1-2009/Vol8n1-2009-pag-163a170/Vol8n1-2009-pag-163a170.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2017.

SANTOS, A. L. P. dos. **Manual de mini handebol**. São Paulo: Phorte, 2003.

SCHRAIBER, L. B. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 63-74, 1995.

SILVA, S. A. O goleiro nas regras do handebol. In: GRECO, P. J. (Org.). **Caderno do goleiro de handebol**. Belo Horizonte: Impressão – Soluções Gráficas, 2002, p. 203-208.

THIENGO, C. R.; VITÓRIO, R.; FERREIRA, L. A. O goleiro de handebol. **Revista Digital EFDesporte**. Buenos Aires, ano 11, n. 100, set. 2006. Disponível em: <www.efdeportes.com/efd100/goleiro.htm> Revista digital. Acesso em: 08 de agosto de 2017.

VIDAL, I. R. A **"iniciação esportiva" a quem compete? Um estudo sobre a formação profissional no campo da educação física**. Rio Claro, 2006. 273f. (Dissertação de Mestrado), Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2006.

ANEXO A - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Departamento de Educação Física

Você está sendo convidado (a) a participar da Monografia de Conclusão de Curso em Educação Física sob o estudo intitulado “Aprender a ser Goleiro na Iniciação Esportiva em Handebol” de autoria de Lucas Nassuato, graduando do curso de Educação Física/UNESP e orientado pela Prof. Dra. Lílian Aparecida Ferreira.

O objetivo desse estudo é investigar o comportamento dos alunos iniciantes quando desenvolvem o papel de goleiro de handebol.

Sua participação consistirá em conceder entrevista. Salientamos que seu nome será mantido em sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

A qualquer momento, mesmo antes da conclusão desta pesquisa, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação ao estudo.

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Bauru, ___/___/___.

Nome completo do (a) participante da pesquisa:

 (RG: _____ / CPF: _____ / TEL: _____ EMAIL: _____)

Pesquisador responsável
 Nome completo: Lucas Nassuato
 nassuato_lucas@hotmail.com
 TEL para contato: (14) 99139-9443

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências

Departamento de Educação Física

Bauru, de de 2017.

Prezados Pais ou Responsáveis,

Solicitamos vossa autorização para realização do estudo intitulado “Aprender a ser Goleiro na Iniciação Esportiva em Handebol” de autoria de Lucas Nassuato, graduando do curso de Educação Física/UNESP, orientado pela Prof.^a Dra. Lilian Aparecida Ferreira. Este estudo tem por objetivo investigar o comportamento de alunos iniciantes quando desenvolvem o papel de goleiro de handebol.

A coleta de dados compreenderá observações de jogos e entrevistas com os alunos do projeto “Ensinando e Aprendendo Handebol” oferecido pelo Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências/UNESP-Bauru para uso exclusivamente acadêmico-científico. Salientamos que o nome do participante será mantido em sigilo, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário.

Esclarecemos, ainda, que o aluno poderá deixar de colaborar nesta pesquisa a qualquer momento que desejar ou mesmo não responder a questões que julgar “inconvenientes”, mantendo-se sigilo sobre sua identidade, assim como os dados da instituição a que esteja vinculada.

A participação nesse estudo é gratuita, não havendo qualquer ressarcimento para os participantes nem para seus pais ou responsáveis.

Certos de podermos contar com Vossa colaboração, antecipamos agradecimentos pela consideração e apresento meus cordiais cumprimentos.

Eu _____, RG nº _____, autorizo o (a) aluno (a) _____, em participar da pesquisa aqui apresentada, e autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura do responsável

Pesquisador responsável
 Nome completo: Lucas Nassuato
 nassuato_lucas@hotmail.com
 TEL para contato: (14) 99139-9443

APÊNDICE A - SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O GOLEIRO DE HANDEBOL NA INICIAÇÃO ESPORTIVA

Em seguida serão apresentadas algumas propostas de atividades para os alunos vivenciarem a posição de goleiro durante a iniciação esportiva. É importante ressaltar que o objetivo não é alcançar a especialização ou a formação de goleiros, mas sim permitir que os alunos reconheçam as diversas possibilidades de atuação que a posição permite nesse primeiro contato do aluno com a modalidade esportiva.

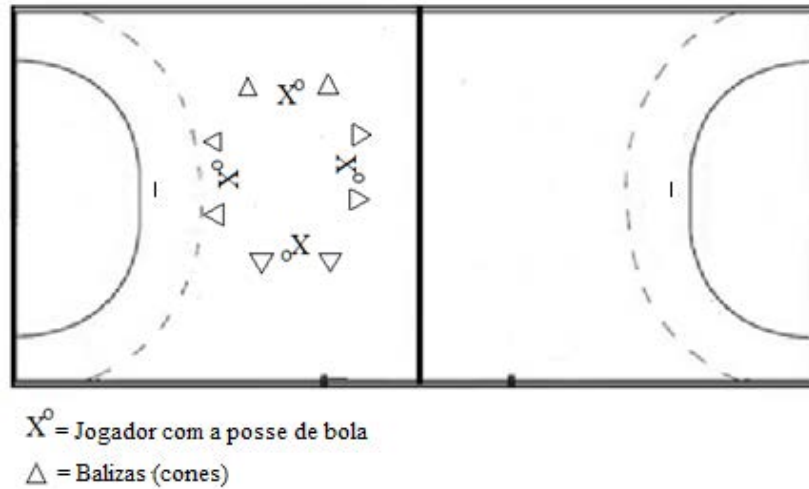
1) JOGO DO COMANDO

A atividade tem como objetivo desenvolver o tempo de reação dos alunos quando assumem a função de goleiro de handebol e também criar situações no qual seja necessário que eles acompanhem a trajetória da bola e realizem defesas com todos os membros do corpo (pés, mãos, tronco, etc).

São organizados quatro gols em um espaço quadrangular, podendo ser utilizados cones ou qualquer outro tipo de material para delimitar as balizas. A partir do comando do professor (som, apito, voz) os alunos terão que arremessar a bola ao gol que está ao seu lado e ao mesmo tempo procurar defender a bola que foi arremessada ao seu gol pelo adversário (Figura 4).

É recomendável utilizar bolas de borrachas, ou até mesmo bolas de meia ou qualquer outro material mais seguro. Para assim os alunos sentirem mais confiança ao realizarem as defesas. É possível realizar variações ao decorrer da atividade. O professor pode dar comandos específicos quanto ao tipo ou direção do arremesso (bolas altas ou baixas, para esquerda ou direita, entre outros).

Figura 4 - Jogo do Comando



Materiais Necessários: Bolas de borracha ou de outro material mais “macio” e confortável, como por exemplo, bolas de meias. E cones ou garrafas pet para demarcar as balizas.

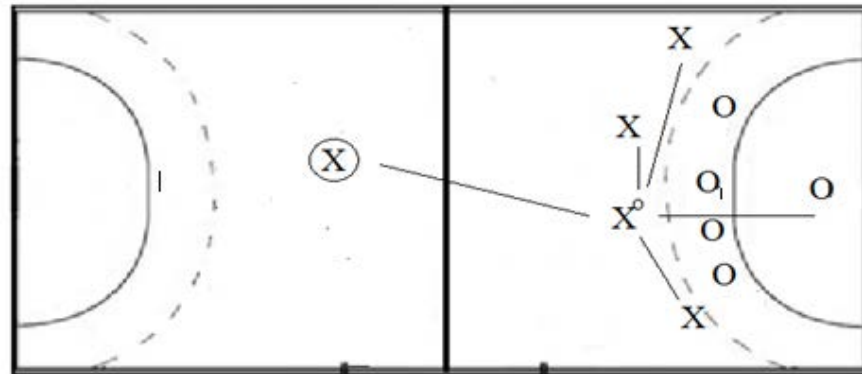
2) JOGO DO “CONGELA”

A atividade tem como objetivo desenvolver a visão de jogo do aluno na perspectiva de goleiro de handebol. Durante o jogo o professor irá interromper o jogo e estabelecer que todos os jogadores, incluindo os goleiros, congelem e fiquem parados nos seus respectivos lugares.

A partir daí, o professor irá pedir para um dos goleiros decidir como será a continuação do jogo. Por exemplo, se a equipe estiver com a posse de bola, o goleiro poderá decidir se a sequência do jogo será um arremesso ao gol adversário, ou um passe, e ainda quem será o aluno que receberá o passe. Agora se a equipe estiver na defesa, o goleiro poderá decidir como será a organização da defesa, se haverá marcação individual, formação de barreira e entre outros (Figura 5).

É importante que o professor proporcione a autonomia dos alunos para decidirem a continuidade do jogo. Portanto, realizar rodízio entre os alunos para que todos possam assumir o papel de goleiro. Quando o aluno decidir quais serão as ações a serem realizadas, ele mesmo irá dar o comando para dar sequência a dinâmica de jogo.

Figura 5 - Jogo do “Congela”



- X** = Equipe 1
O = Equipe 2
X^o = Jogador com a posse de bola
(X) = Goleiro escolhido para decidir a sequência do jogo
 — = Sequência de jogo (passe, arremesso ao gol, e entre outros)

Materiais Necessários: Bolas de handebol ou de borracha. E coletes coloridos para diferenciação das equipes.

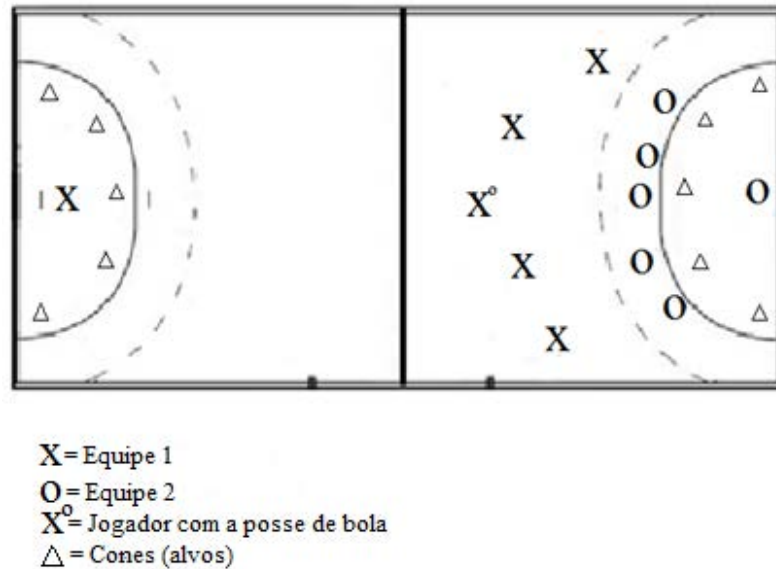
3) JOGO DO “REBATEDOR”

A atividade tem como proposta fazer com que os alunos reconheçam a área dos 6 metros como o espaço exclusivo de jogo para o goleiro de handebol e por conseqüência isso influencia no seu modo de defender a bola.

São colocados cones (pequenos ou grandes) sobre a área do goleiro, ou qualquer outro material que estiver disponível. Durante o jogo o professor irá estabelecer a regra de que se o goleiro rebater a bola durante as defesas e acertar os cones (alvo), será marcado ponto para sua equipe, mesmo estando em situação de defesa (Figura 6). No entanto, valerá as mesmas regras de um jogo formal, por isso caso a bola atinja o cone (alvo) e saia fora da área, o jogo terá continuidade e o adversário poderá recuperar a posse de bola. Então é importante que o aluno reconheça a necessidade de recuperar a bola após a realização de uma defesa.

Utilizar bolas de borracha ou de outros materiais mais seguros e confortáveis, permitir que todos os alunos vivenciem a atividade.

Figura 6 - Jogo do “Rebatedor”



Materiais Necessários: Bolas de borracha ou de outro material mais confortável para os alunos rebaterem a bola. Cones pequenos, grandes ou garrafas pets para demarcar os alvos dos goleiros. E coletes coloridos para diferenciação das equipes.

4) JOGOS REDUZIDOS - “GOL AO QUADRADO”

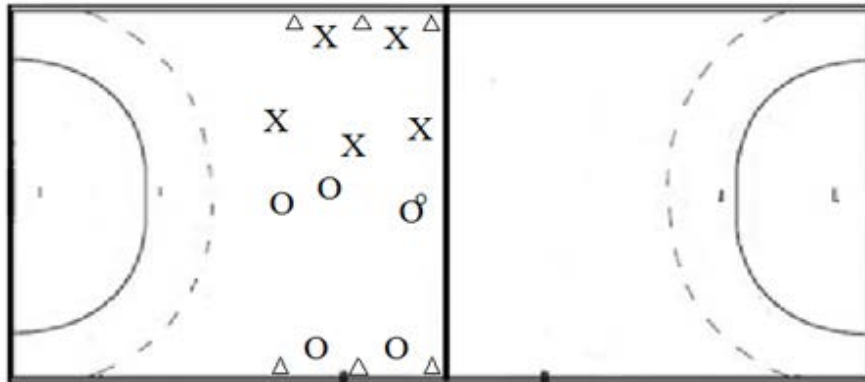
A atividade consiste na realização de jogos com espaço e número de jogadores reduzidos. O objetivo da atividade é proporcionar a motivação e o incentivo aos alunos quando assumem o papel de goleiro de handebol.

Em cada lado da quadra serão dispostos dois gols por equipes, que podem ser demarcados por cones ou quaisquer outros materiais. Sendo assim, cada equipe terá dois goleiros e também haverá a possibilidade de arremessar em dois gols adversários para realizar a pontuação. As áreas podem ser desenhadas por giz ou definidas pelas linhas já existentes na quadra (Figura 7).

É possível estabelecer a participação de jogadores com diferentes níveis de habilidade, ou seja, o jogador mais habilidoso pode ajudar o menos habilidoso quando estão jogando juntos como goleiros. Com isso é possível proporcionar discussões quanto as diferenças e a

interação entre os alunos. Estabelecer o rodízio para que todos os alunos vivenciem a proposta da atividade.

Figura 7 - Jogos Reduzidos “Gol ao Quadrado”



X= Equipe 1
 O= Equipe 2
 O^o= Jogador com a posse de bola
 △ = Balizas (cones)

Materiais Necessários: Bolas de handebol ou de borracha. Cones (pequenos ou grandes) ou garrafas pets para demarcar as balizas e coletes coloridos para diferenciação das equipes.

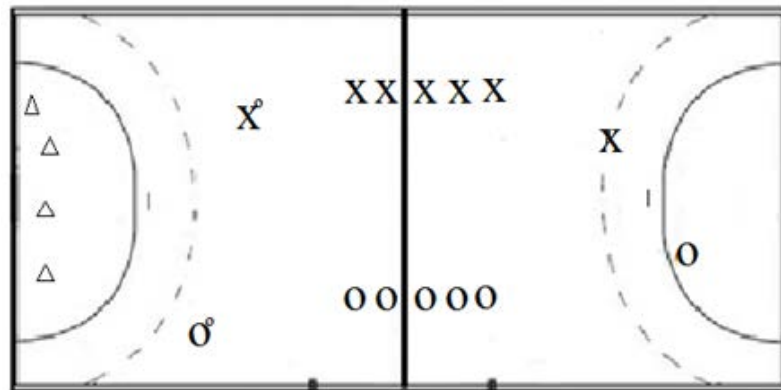
5) VOZ DE GOLEIRO

Essa atividade tem como objetivo evidenciar a importância do jogador que atua na posição de goleiro sobre o desempenho dos demais jogadores de linha. Demonstrando a importância do goleiro se comunicar com seus companheiros de equipe.

Organizar duas equipes em filas, onde o primeiro aluno da fila estará com a posse de bola e também com os olhos vendados. A partir da voz do goleiro da sua equipe, o aluno que está vendado irá seguir suas orientações para chegar ao alvo e realizar o arremesso da bola. Em seguida, o aluno tira a venda e entrega a bola para o próximo jogador da sua equipe e vai assumir a posição de goleiro para dar sequência a atividade. O aluno que antes estava no gol, se dirige para o fim da fila da sua equipe. É importante lembrar, que o goleiro pode sair da área para fornecer as orientações (Figura 8).

O alvo pode ser marcado com cones, bambolês ou o próprio gol. Seria interessante o professor modificar a localização do alvo durante a atividade para dificultá-la aos alunos. Utilizar espaço reduzido para maior segurança dos alunos que estão vendados.

Figura 8 - Voz de Goleiro



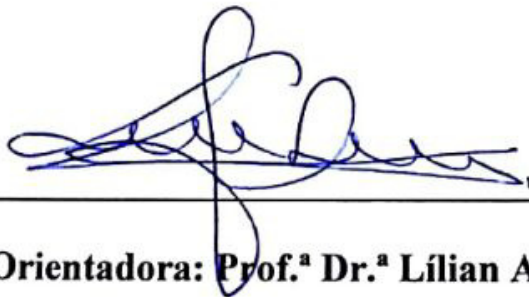
X= Equipe 1
 O= Equipe 2
 X^o= Jogador da equipe 1 com a posse de bola
 O^o= Jogador da equipe 2 com a posse de bola
 Δ = Alvos

Materiais necessários: Bolas de handebol, cones, latas ou garrafas pets para demarcar os alvos e tecido (vendas) para vender os alunos.

Essas atividades são apenas algumas sugestões para demonstrar as diversas possibilidades que existem para proporcionar a vivência de goleiro de handebol na iniciação esportiva. Não temos como objetivo o planejamento de uma aula voltada somente para os elementos do goleiro, mas sim incluir e acrescentar essas atividades ao longo do desenvolvimento das aulas. Sempre considerando as individualidades dos alunos e a possível necessidade de adaptação dos recursos e materiais existentes.



Autor: Lucas Nassuato



Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lilian Aparecida Ferreira